



fundão
365 dias a descobrir

XXIII COLÓQUIO LUSOFONIA

27 A 31 . MARÇO . 2015
FUNDÃO, PORTUGAL | CASINO FUNDANENSE



ORGANIZAÇÃO



APICD





XXIII COLÓQUIO DA LUSOFONIA. fundão 2015. PROGRAMA com sinopses e biodados -- Página | 2

XXIII COLÓQUIO DA LUSOFONIA

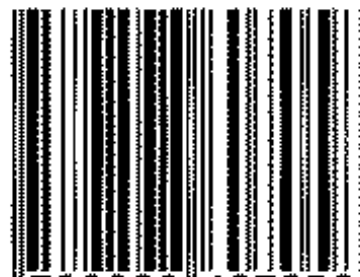
FUNDÃO

(Castelo Branco - Portugal) 27-31 março 2015

Programa

SINOPSES E BIODADOS

ISBN 978-989-8607-05-8



9 789898 607058



FUNDÃO
Câmara Municipal

APOIOS



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Covilhã | Portugal





1. AICL PRINCÍPIOS E OBJETIVOS

- 1.1. OS “COLÓQUIOS DA LUSOFONIA [AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA]”, são um movimento cultural e cívico que visa mobilizar e representar a sociedade civil de todo o mundo, para pensar e debater amplamente, de forma científica, a nossa fala comum: a Língua Portuguesa.
- 1.2. A Associação tem por objeto promover A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA conducente ao reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político - na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes, em qualquer país, região ou comunidade.
- 1.3. Para a consecução destes objetivos compromete-se a
 - a) Promover encontros científicos, desenvolver estudos universitários e outros, para ensino, divulgação, preservação e tradução da língua portuguesa, procurando o apoio das Instituições nacionais e internacionais;
 - b) Desenvolver outras ações culturais, tais como colóquios, congressos, encontros, exposições, em estreita ligação com outras entidades;
 - c) Promover cursos e bolsas de estudo na área da Cultura em parceria com outras instituições universitárias e culturais;
 - d) Fomentar a divulgação de obras em português com reedições e traduções;
 - e) Criar grupos científicos ligados aos objetivos da Associação

Os valores essenciais da cultura lusófona constituem, com o seu humanismo universalista, uma vocação da luta por uma sociedade mais justa, da defesa dos valores humanos fundamentais e das causas humanitárias.

A todos nós incumbe o dever de promover a defesa, a expansão e o prestígio da nossa língua comum, patrocinando a publicação, a tradução e difusão por todo o mundo de obras literárias, científicas e artísticas, de autores de língua portuguesa.

Em defesa da Lusofonia, da nossa identidade como pessoas e povos, e em prol da variada língua comum com todas as suas variantes e idiossincrasias,

A nossa divisa é “**NÃO PROMETEMOS, FAZEMOS**”

2. HISTORIAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA REPRESENTANTES DA SOCIEDADE CIVIL ATUANTE [atualizado em 15-03-2015]

Aqui se traça em linhas gerais o percurso da AICL. Uma breve resenha do historial dos Colóquios da Lusofonia incluindo a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais que depois de Portugal Continental, Açores, Brasil, Macau e Galiza continua a tentar negociar idas a outros países: Itália, EUA, Canadá, Cabo Verde, Angola, Moçambique, Timor-Leste, Polónia, Roménia, França e outros países.



Gostaria de começar usando a frase de Martin Luther King, 28 agosto 1963, “**I had a dream...**” para explicar como já realizámos vinte e um Colóquios da Lusofonia.

Criados em 2001, passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos em 2010 e, cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos/as de longa data se tratasse. Não buscam mais uma Conferência para o currículo - quem vem em busca disso cedo parte por se sentir desajustado/a - antes partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Aliás, desde a primeira edição abolimos o sistema português de castas que distingue as pessoas pelos títulos apensos aos nomes. Esta pequena revolução

tem permitido desenvolver projetos onde não se pretende a autoria mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação mais abrangente), e daí termos realizado o 21º colóquio numa praia...Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia.

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e daí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que por vezes parece emanar da CPLP e outras entidades. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos.

No 1º Colóquio 2002 afirmou-se

Pretende-se repensar a Lusofonia, como instrumento de promoção e aproximação de povos e culturas. O Porto foi a cidade escolhida perdida que foi a oportunidade, como Capital Europeia da Cultura, de fazer ouvir a sua voz nos mídias nacionais e internacionais como terra congregadora de esforços e



iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Cabinda e Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo língua oficial existem Lusofalantes.

Há algum tempo (2002) o emérito linguista anglófono Professor David Crystal escrevia-nos dizendo:

“O Português parece-me, tem um futuro forte, positivo e promissor garantido à partida pela sua população base de mais de 200 milhões, e pela vasta variedade que abrange desde a formalidade parlamentar até às origens de base do samba. Ao mesmo tempo, os falantes de português têm de reconhecer que a sua língua está sujeita a mudanças – tal como todas as outras – e não se devem opor impensadamente a este processo. Quando estive no Brasil, no ano passado, por exemplo, ouvi falar dum movimento que pretendia extirpar todos os anglicismos. Para banir palavras de empréstimo doutras línguas pode ser prejudicial para o desenvolvimento da língua, dado que a isola de movimentações e tendências internacionais. O inglês, por exemplo, tem empréstimos de 350 línguas – incluindo Português – e o resultado foi ter-se tornado numa língua imensamente rica e de sucesso.

A língua portuguesa tem a capacidade e força para assimilar palavras de inglês e de outras línguas mantendo a sua identidade distinta. Espero também que o desenvolvimento da língua portuguesa seja parte dum atributo multilingue para os países onde é falada para que as línguas indígenas sejam também faladas e respeitadas, O que é grave no Brasil dado o nível perigoso e crítico de muitas das línguas nativas.”

Posteriormente, contactei aquele distinto linguista preocupado com a extinção de tantas línguas e a evolução de outras, manifestando-me preocupado pelo desaparecimento de tantas línguas aborígenes no meu país e espantado pelo desenvolvimento de outras. Mostrava-me apreensivo pelos brasileirismos e anglicismos que encontrara em Portugal após 30 anos de diáspora. Mesmo admitindo que as línguas só têm capacidade de sobrevivência se evoluírem eu alertava para o facto de terem sido acrescentadas ao léxico 600 palavras pela Academia Brasileira (1999) das quais a maioria já tinha equivalente em português.

Sabendo como o inglês destronou línguas (celtas e não só) em pleno solo do Reino Unido a partir do séc. V, tal como Crystal (1977) afirma no caso do Cumbrico, Norn e Manx, perguntava ao distinto professor qual o destino da língua portuguesa, sabendo que o nível de ensino e o seu registo linguístico eram cada vez mais baixos, estando a ser dizimados por falantes, escribas, jornalistas e políticos ignorantes, sem que houvesse uma verdadeira política da língua em Portugal. A sua resposta em março 2002 pode-nos apontar um de muitos caminhos.

Diz Crystal:

“As palavras de empréstimo mudam, de facto, o carácter duma língua, mas como tal não são a causa da sua deterioração. A melhor evidência disto, é sem dúvida a própria língua inglesa que pediu de empréstimo mais palavras do que qualquer outra, e veja-se o que aconteceu ao Inglês. De facto, cerca de 80% do vocabulário inglês não tem origem Anglo-Saxónica, mas sim das línguas Românticas e Clássicas incluindo o Português. É até irónico que algumas dos



anglicismos que os Franceses tentam banir atualmente derivem de latim e de Francês na sua origem.

Temos de ver o que se passa quando uma palavra nova penetra numa língua. No caso do Inglês, existem triunviratos interessantes como **kingly** (Anglo-saxão), **royal** (Francês), e **regal** (Latim) mas a realidade é que linguisticamente estamos muito mais ricos tendo três palavras que permitem todas as variedades de estilo que não seriam possíveis doutro modo. Assim, as palavras de empréstimo enriquecem a expressão. Até hoje nenhuma tentativa de impedir a penetração de palavras de empréstimo teve resultados positivos. As línguas não podem ser controladas. Nenhuma Academia impediu a mudança das línguas.

Isto é diferente da situação das línguas em vias de extinção como por exemplo debati no meu livro *Language Death*. Se as línguas adotam palavras de empréstimo isto demonstra que elas estão vivas para uma mudança social e a tentar manter o ritmo. Trata-se dum sinal saudável desde que as palavras de empréstimo suplementem e não substituam as palavras locais equivalentes. O que é deveras preocupante é quando uma língua dominante começa a ocupar as funções duma língua menos dominante, por exemplo, quando o Inglês substituiu o Português como língua de ensino nas instituições de ensino terciário.

É aqui que a legislação pode ajudar e introduzir medidas de proteção, tais como obrigação de transmissões radiofónicas na língua minoritária, etc. existe de facto uma necessidade de haver uma política da língua, em especial num mundo como o nosso em mudança constante e tão rápida, e essa política tem de lidar com os assuntos base, que têm muito a ver com as funções do multilinguismo.

Recordo ainda que não é só o inglês a substituir outras línguas. No Brasil, centenas de línguas foram deslocadas pelo Português, e todas as principais

línguas: Espanhol, Chinês, Russo, Árabe afetaram as línguas minoritárias de igual modo.”

Por partilhar a opinião do professor David Crystal espero que possam todos repensar a Lusofonia como instrumento de promoção e aproximação de culturas sem exclusão das línguas minoritárias que com a nossa podem coabitar.

Em 2002, queríamos patentear que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidiodependências e provou-se, em poucos anos como os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. Os Colóquios inovaram nessa sua primeira edição e introduziram o hábito de entregarem as Atas/Anais em DVD/CD no ato de acreditação dos participantes.

No 2º Colóquio [2003] disse-se

Só através de uma política efetiva de língua se poderá defender e promover a expansão do espaço cultural lusófono, contribuindo decisivamente para a sedimentação da lingua portuguesa como um dos principais veículos de expressão mundiais. Que ninguém se demita da responsabilidade na defesa do idioma independentemente da pátria. Hoje como ontem, a língua de todos nós é vítima de banalização e do laxismo. Em Portugal, infelizmente, a população está pouco consciente da importância e do valor do seu património linguístico. Falta-lhe o gosto por falar e escrever bem, e demite-se da responsabilidade que lhe cabe na defesa da língua que fala. Há outros aspetos de que, por serem tão correntes, já mal nos apercebemos: o mau uso das preposições, a falta de



coordenação sintática, e a violação das regras de concordância, que, logicamente, afetam a estrutura do pensamento e a expressão. Além dos tratos de polé que a língua falada sofre nos meios de comunicação social portugueses, uma nova frente se está a abrir com o ciberespaço e com as novas redes de comunicação em tempo real. Urge pois apoiar a formação linguística dos meios de comunicação social, promover uma verdadeira formação dos professores da área, zelar pela dignificação da língua portuguesa nos organismos internacionais, dotando-os com um corpo de tradutores e intérpretes profissionalmente eficazes. A atual crise portuguesa não é meramente económica mas reflete uma nação em crise, dos valores à própria identidade. Jamais podemos esquecer que a língua portuguesa mudou através dos tempos, e vai continuar a mudar. A língua não é um fóssil. Também hoje, a mudança está a acontecer. Num país em que falta uma visão estratégica para uma verdadeira POLÍTICA DA LÍNGUA, onde o cinzento e a uniformidade são a regra de referência, onde a competição é uma palavra tabu, onde o laxismo e a tolerância substituem a exigência e a disciplina, onde a posse de um diploma superior constitui ainda uma vantagem competitiva, claro que continua a grassar a desresponsabilização. Os cursos superiores estão desajustados do mercado de trabalho, as empresas vivem alheadas das instituições académicas, existem cursos a mais que para nada servem, existem professores que mantêm cursos abertos para se manterem empregados. Ao contrário do que muitos dizem Portugal não tem excesso de licenciados mas sim falta de empregos. Mas será que falam Português?

No 3º Colóquio [2004], cujo tema era a Língua Mirandesa, dizia-se

Estamos aqui para juntos fazermos ouvir a nossa voz, para que Bragança seja uma terra onde se congregam esforços e iniciativas em prol da língua de todos nós, da Galiza a Timor, passando pelos países de expressão portuguesa e por todos os outros países onde não sendo língua oficial existem Lusofalantes. Este colóquio como pedrada no charco que pretendia ser, visava alertar-nos para a existência duma segunda língua nacional que mal sabemos que existe e cujo progresso é já bem visível em menos duma década de esforço abnegado e voluntarioso duma mão cheia de pessoas que acreditaram. Visa alertar-nos para a necessidade de sermos competitivos e exigentes, sem esperarmos pelo Estado ou pelo Governo e tomarmos a iniciativa em nossas mãos. Assim como criamos estes Colóquios, também cada um de vós pode criar a sua própria revolução, em casa com os filhos, com os alunos, com os colegas e despertar para a necessidade de manter viva a língua de todos nós. Sob o perigo de soçobramos e passarmos a ser ainda mais irrelevantes neste curto percurso terreno.

Em 2004, lançamos

a campanha que salvou da extinção o importante portal Ciberdúvidas.

No 4º Colóquio [em 2005] sobre a Língua Portuguesa em Timor-Leste, escrevia-se

“O português faz parte da história timorense. Não a considerar uma língua oficial colocaria em risco a sua identidade”, defende o linguista australiano Geoffrey Hull no seu recente livro Timor-Leste. Identidade, língua e política educacional. A língua portuguesa “tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas indígenas” e é tanto mais plausível porque “o contacto com



Portugal renovou e consolidou a cultura timorense e quando Timor-Leste emergiu da fase colonial não foi necessário procurar uma identidade nacional, o país era único do ponto de vista linguístico. O português não é um idioma demasiado difícil para os timorenses pois estes já possuem um relativo conhecimento passivo do português, devido ao facto de que já falam o Tetum-Díli", afirma Hull. "A juventude deve fazer um esforço coletivo para aprender ou reaprender" a língua portuguesa".

Estas eram, de facto, as premissas com que partimos para o 4º Colóquio. Não sabíamos ainda que teríamos entre nós a presença do Prémio Nobel da Paz, D. Carlos Filipe XIMENES BELO, e muito menos imaginávamos que teríamos a exposição de fotografia do Presidente Kay Rala XANANA GUSMÃO (Rostos da Lusofonia), e que o Colóquio coincidia com o maior eclipse anular do sol desde o início do século passado. Durante dois dias foi debatido o futuro do português na ex-colónia, além de temas mais genéricos como as tradições, a literatura e a tradução em geral. As razões desta temática orientada para Timor-Leste têm a ver com um dos aspetos que consideramos de certo modo controverso. Em termos linguísticos é a primeira vez que se faz uma experiência destas no mundo: impor-se uma língua oficial numa nação onde não existe uma língua própria, mas várias línguas: a franca, o tétum e vários dialetos". O objetivo destas iniciativas é "aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada pessoa dentro da sua especialidade para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades".

De acordo com várias fontes, o aumento do número de falantes do português quase que triplicou desde a independência de Timor, há cinco anos. A organização do Colóquio entende que "foi sobretudo graças à ação da Igreja Católica que a língua portuguesa se manteve em Timor", e daí a relevância da presença do bispo resignatário de Díli, D. Carlos Ximenes Belo, no segundo dia de trabalhos.

Dentre os temas debatidos focando aspetos curiosos da Geografia à História de Timor, passando pelo Ensino e Cooperação, é importante realçar que os projetos com melhor e maior acolhimento foram aqueles que saíram das linhas institucionais rígidas. Trata-se de projetos em que os professores e cooperantes adaptaram os programas à realidade timorense e assim conseguiram uma adesão e participação entusiástica dos timorenses, que hoje os substituem já nessas tarefas. Este aspeto é notável, pois colide com a burocracia oficial e rígida que estipula quais os programas a aplicar sem conhecimento da realidade local e suas idiosincrasias.

Em especial dois destes temas foram abordados por cooperantes brasileiros e portugueses, esperando-se que iniciativas semelhantes possam ser reproduzidas no futuro, pois só estes permitem preparar os timorenses para tomarem os seus destinos e os da sua Língua Portuguesa nas suas próprias mãos. A ideia transversal e principal deste colóquio era o futuro do português em Timor.

"O tétum está a ser enriquecido com toda uma terminologia que deriva automaticamente do português, e não do inglês. Enquanto as línguas tradicionais cada vez mais se servem do inglês, o tétum está a servir-se do português para criar palavras que não existem na sua língua franca o que enriquece tanto o português como o tétum".



Quanto ao futuro da língua portuguesa no mundo não hesito em afirmar que “de momento está salvaguardado através do seu enriquecimento pelas línguas autóctones e pelos crioulos, que têm o português como língua de partida. Enquanto a maior parte das línguas tende a desaparecer visto que não há influências novas, o português revela nalguns locais do mundo uma vitalidade fora do normal. A miscigenação com os crioulos e com os idiomas locais vai permitir o desenvolvimento desses crioulos e a preservação do português”. Por isso “não devemos ter medo do futuro do português no mundo porque ele vai continuar a ser falado. E a crescer nos restantes países”.

Em 2006, no 6º Colóquio

No V Colóquio debateram-se os modelos de normalização linguística na Galiza e a situação presente, onde o genocídio linguístico atingiu uma forma nova e subtil, já não através da perseguição aberta e pública do galego, como em décadas passadas, mas pela promoção social, escolar e política de uma forma oral e escrita deturpada, castelhanizada, a par de uma política ativa de exclusão dos dissidentes lusófonos (os denominados reintegracionistas e lusistas).

Debateu-se uma Galiza que luta pela sua sobrevivência linguística, numa altura em que a UNESCO advertiu do risco de castelhanização total nas próximas décadas. Falou-se de história, dos vários avanços e recuos e de vários movimentos a favor da língua portuguesa na Galiza, teceram-se críticas, comentários e apontaram-se soluções, sendo quase universalmente exigida a reintrodução do Português na Galiza através de várias formas e meios. Existe aqui ampla oportunidade para as televisões portuguesas descobrirem aquele

mercado de quase três milhões de pessoas. As oportunidades comerciais de penetração da Galiza podem ser uma porta importante para a consolidação da língua naquela região autónoma. Foi sobejamente assinalada a quase generalizada apatia e desconhecimento do problema da língua na Galiza por parte dos portugueses e o seu esquecimento por parte das entidades oficiais sempre temerosas de ofenderem o poder central em Madrid. Faltam iniciativas como esta para alertar, um número cada vez maior, as pessoas para este genocídio linguístico, desconhecido e que mora mesmo aqui ao lado.

Por outro lado, constatou-se a necessidade de uma maior concertação e união entre as várias associações em campo que propugnam a língua portuguesa na Galiza. A sua presença regular em eventos semelhantes em Portugal pode alargar o número de académicos preocupados com o tratamento de polé dado à língua nossa antepassada num território que por mercê duma conquista histórica de há 500 anos teima em não perder a sua língua original, que é a nossa. O anúncio por Martinho Montero da criação duma Academia Galega da Língua Portuguesa é simultaneamente arriscado e ousado mas pode ser um passo em frente para a concretização do sonho de muitos galegos.

Os problemas da tradução foram também debatidos como forma de perpetuar e manter a criatividade da língua portuguesa nos quatros cantos do mundo, algo que é importante realçar pois as pessoas não se apercebem muitas vezes desta vertente, sendo a mais surpreendente comunicação (Barbara Juršič), uma referente à tradução de obras portuguesas (de Saramago a Mia Couto) na Eslovénia. “Enquanto a tradução de obras portuguesas não estiver suficientemente difundida, a língua portuguesa não pode alcandorar-se ao nível



de reconhecimento mundial doutras línguas. Começa a haver um certo número de traduções de livros de autores portugueses, mas é altamente deficiente e deficitária. Uma das formas de preservar a língua é através da tradução. Só a tradução de obras permite a divulgação, algo muito importante na preservação da língua.” Por outro lado, conseguiu-se que os colóquios se tornassem graças à sua persistência na única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos cinco anos sobre esta temática.

A intenção destes colóquios é diferente da maioria das realizações congéneres. Pela sua independência permite a participação de um leque alargado de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos. Por outro lado, ao contrário de outros encontros e conferências de formato tradicional em que as pessoas se reúnem e no final há uma ata cheia de boas intenções (raramente concretizadas) com as conclusões, estes colóquios visam aproveitar a experiência profissional e pessoal de cada um dentro da sua especialidade e dos temas que estão a ser debatidos, para que os restantes oradores possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e utilizarem instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Ou seja verifica-se a criação de uma rede informal que permite um livre intercâmbio de experiências e vivências, que se prolonga ao longo dos anos, muito para lá do colóquio em que intervieram.

Estes Colóquios podem ser ainda marginais em relação às grandes diretrizes aprovadas nos gabinetes de Lisboa, de Brasília, ou de qualquer outra capital, mas na prática têm servido para inúmeras pessoas aplicarem as experiências

doutros colegas à realidade do seu quotidiano de trabalho com resultados surpreendentes e bem acelerados como se viu na edição de 2005, com a campanha para salvar o Ciberdúvidas da Língua Portuguesa e com o lançamento a nível oficial do Observatório da Língua Portuguesa.

Portugal e Brasil continuam a valorizar o acessório e a subestimar o essencial. Os portugueses e brasileiros não têm uma verdadeira política da Língua, e não conjugam objetivos através duma CPLP adormecida, enquanto franceses e ingleses estão bem ativos.

O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A R. P. da China prepara [em Macau] os seus melhores quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistarem os mercados lusófonos. Irá depender sobretudo do esforço brasileiro em liderar que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos ainda cheios de complexos do seu velho e impotente colonizador Portugal. A língua portuguesa é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, etc., dos países onde está instituída e os quais estão geograficamente distantes uns dos outros. A Língua Portuguesa pode ser o veículo de aproximação entre os esses países lusófonos e as comunidades lusofalantes.

Os meus compatriotas aborígenes australianos preservaram a sua cultura ao longo de sessenta mil anos, sem terem escrita própria, mas a sua cultura foi mantida até aos dias de hoje, pois assentava na transmissão via oral de lendas e tradições. Este é um dos exemplos mais notáveis de propagação das



características culturais de um povo que nunca foi nação. Uma das coisas mais importantes que a Austrália me ensinou foi a tolerância pelas diferenças étnicas e culturais, e o facto de ter aprendido a conviver e a viver com a diferença. Sem aceitarmos estas diferenças jamais poderemos progredir, pois que só da convivência com outras etnias e culturas poderemos aspirar a manter viva a nossa. Devemos aceitar a Lusofonia e todas as suas diversidades culturais sem exclusão, que com a nossa podem coabitar. Essa a mensagem dos 5 colóquios anuais da lusofonia e dos encontros açorianos da lusofonia.

Em 2007, no 8º colóquio buscou-se um tema ainda mais polémico e a necessitar de debate:

“O Português no século XXI, a variante brasileira rumo ao futuro. O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas.” Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira, a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 8,7 milhões em 2050 contra os atuais 10,7 milhões.

Quanto a Bragança encontrei ali formas vernaculares (quase medievais) da língua que perduraram a todos os níveis da população independentemente da sua classe socioeconómica e da sua educação, mas de que constato uma quase vergonha dos seus falantes por entenderem que não falam português correto, o que aliado à desertificação humana desta região tende igualmente a acabar. Tenho um filho de 7 anos que em pouco mais de ano e meio adaptou para seu uso um vernáculo totalmente distinto do que ouve em casa e que faz rir os

seus primos do Porto... a própria construção gramatical é diferente. Creio que como cidadão australiano há mais de 25 anos a lutar em prol da preservação da língua e cultura portuguesa de meus antepassados, ninguém está mais interessado na sua preservação. Creio que ela poderá ser feita numa evolução dinâmica aceitando os desafios e alterações que a própria língua inevitavelmente irá sofrer.

Os Portugueses quase sempre alheados destes problemas e sempre temerosos de ofenderem a vizinha Espanha esquecem-se de que a vizinha e irmã é a Galiza e não a Espanha da velha Castela e da unificação à força. Foi nos primeiros dias do ano de 2006 na RTP num telejornal à hora do almoço, que pela primeira vez ouvimos falar os Galegos sobre os seus problemas com a nossa (e deles) língua.

Qual é a nossa responsabilidade como professores, jornalistas, estudiosos da língua em relação a esta guerra silenciosa que aqui ao lado consome tantos e a nós nos deixa indiferentes. Trata-se dum povo que fala a língua da Lusofonia de que tantos falam mas de que tão poucos cuidam. Ou será que a Lusofonia continua a ser entendida por muitos como uma extensão do ex-Império? Esses velhos do Restelo, amantes dum passado que se espera nunca mais volte têm de despertar para a realidade e confrontar-se com ela por mais desagradável que lhes seja.

Os desafios que se põem nestes Colóquios são grandes. A divisão na Galiza é enorme entre lusistas, reintegracionistas e todos os outros. Será que vão conseguir finalmente criar uma plataforma abrangente que permita o



entendimento entre algumas das várias correntes de pensamento? Ou irão continuar na sua guerrilha contra tudo e todos que não estejam de acordo com as teorias que professam. A importância do debate é enorme como atrás se inferiu. Ou o Galego é Português mesmo que seja uma variante, como o Brasileiro ou então o que é? Se for uma língua própria teremos todos de nos cuidar, porque o Brasil com mais razão e há mais tempo pode igualmente fazê-lo.

Creemos que esse não será o caminho. O Português, ao contrário do que muitos pensam não tem pernas para andar sozinho com uma população entre 9 e 15 milhões se incluirmos os expatriados, e tem de contar sobretudo com o número de falantes no Brasil, na Galiza, em Angola, Moçambique, Timor, Cabo Verde, S. Tomé, Guiné-Bissau e por toda a parte onde haja comunidades de lusofalantes, mesmo nas velhas comunidades esquecidas de Goa, Damão, Diu, Malaca.

São lusofalantes os que têm o Português como língua, seja língua-mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP's, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar, sejam ou não nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos.

O espaço dos Colóquios [Anuais] da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Ao longo de mais de uma década tivemos colóquios em vários locais. Começámos no Porto, depois tivemos Bragança como base entre 2003 e 2010, Seia em 2013, Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), e nos Açores, na Ribeira Grande (2006-7), Lagoa (2008-12), Vila do Porto (2011), Maia (2013) na praia, nos Moinhos de Porto Formoso em 2014 e, de novo, em Seia 2014.

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das entidades com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos, autarquias e outros que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de



enriquecimento da LUSOFONIA. Pretendia-se divulgar a identidade açoriana não só nas comunidades lusofalantes mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde têm sido feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Tornaram-se uma enorme tertúlia reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade.

De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas.

Relembremos agora algumas das nossas conquistas não enunciadas antes:

Em 2007 no 8º colóquio

atribuíram o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateram, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.

Em 2008 no 10º colóquio

inauguraram a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor **Adriano Moreira** deslocou-se propositadamente para dar “**o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia**”. Na sequência desta vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores).

A partir de 2007 prosseguimos, incansáveis, a nossa campanha pela implementação total do Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.

Em 2009 nos 11º e 12º,

definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA e do MUSEU DA AÇORIANIDADE que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. Nesse ano convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso Breve de Estudos Açorianos que decorreu posteriormente.

Em janeiro de 2010

lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal www.lusofonias.net), que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis mais de duas dezenas de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos levar online para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

Também em 2010,

o 13º colóquio deslocou-se ao Brasil, participou na conferência da CPLP em Brasília, visitou o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo e no Rio foi recebido na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro,



Concha Rousia e Chrys Chrystello, antes de se rumar a essa décima ilha açoriana que é Santa Catarina e Florianópolis.

Em 2010, Bragança, no 14º colóquio,

na Sessão de Poesia, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo). Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas através de um ANUÁRIO de comunicações selecionadas e não editadas em papel do 1 ao 13º colóquios, o qual já está no portal, disponível apenas para os associados.

Em 2011, no 15º colóquio,

uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local e lá se firmaram novos protocolos embora ainda não tenham trazido resultados práticos.

Ali se lançou o segundo volume do livro *Crónica Açores* de Chrys Chrystello

Nesse ano de 2011, no 16º colóquio,

fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe. Em Vila do Porto, além se apresentar **a antologia bilingue de autores açorianos**, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo

acordo ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão a posteriori do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.

Em 2012 no 17º colóquio na Lagoa,

reunimos 9 autores na HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Dra. Idalinda Ruivo e filha Maria João); Daniel de Sá; da ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poeta Joana Félix; da ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina.

Em outubro 2012, no 18º colóquio,

levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós que tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali houve uma cerimónia especial da Academia Galega em que foram empossados oito novos Académicos Correspondentes. Foi um evento rico em trabalhos científicos e apresentações mas com fraca adesão de público.

Na Lagoa e na Galiza (2012)

difundimos o **MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico**, (ver no fim) como contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada semelhante à da Geração de 1870 e das Conferências do Casino. Embora maioritariamente preocupados com



aspectos mais vastos da linguística, literatura, e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum e que configura o mundo, sem esquecer que Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico. Falta dizer que dois importantes projetos dos colóquios viram a luz do dia em 2011 e 2012, **a Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos e a Antologia de (17) Autores Açorianos Contemporâneos** (em 2 volumes), editadas pela Calendário de Letras da autoria de Helena Chrystello e Rosário Girão, lançadas em Portugal e Açores (2011-2013), Galiza e Toronto (2012) bem como as obras completas em poesia celebrando 40 anos de vida literária de Chrys Chrystello num volume intitulado **Crónica do Quotidiano Inútil**

Na Maia (2013) no 19º colóquio,

lançaram-se vários novos projetos, a antologia no feminino (9 ilhas 9 escritoras), um cancionero, o projeto de musicar poemas, e o novo Prémio Literário AICL Açorianidade.

Em Seia (2013) no 20º colóquio,

criou-se um projeto de levantamento do Corpus da Lusofonia pelo Grupo Interdisciplinar, de Pesquisas em Linguística Informática (GIPLI) sob a coordenação da Professora Doutora Zilda Zapparoli, que será composto por textos em língua portuguesa de diversos países lusófonos. Esta proposta foi feita a José Lopes Moreira Filho durante a sua comunicação ao 20º colóquio, e pressupõe a disponibilidade de ferramentas computacionais para tratamento e análise de textos.

Iremos continuar com o projeto de musicar poemas de autores açorianos e dos colóquios, como a Ana Paula Andrade demonstrou no 19º e 20º colóquios ao apresentar temas de Álamo Oliveira, Luísa Ribeiro, Norberto Ávila, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Igualmente iremos prosseguir com o projeto de musicar autores em versão pop, como tem sido feito pelo grupo de professores da Escola da Maia em s Miguel, Açores, com vista ao lançamento de um CD. Prosseguiremos à medida das disponibilidades dos nossos tradutores, com traduções de excertos de autores açorianos.

Tenta-se colocar a Antologia de Autores Açorianos no Plano Nacional de Leitura (ela que já consta do Plano Regional de Leitura dos Açores)..

2014, o 21º colóquio

teve a particularidade de nos obrigar a fechar as inscrições dois meses antes da data prevista por haver excesso de oradores para o idílico local onde se realizou – a Praia dos Moinhos, Porto Formoso. Nesse ano lançou-se o 2º Prémio Açorianidade (2014 – Poesia em honra de Brites Araújo), e publicaremos o 1º Prémio Literário AICL Açorianidade (2013 – Judite Jorge) no 22º colóquio além de tentarmos criar o Centro de Estudos Virgilianos com apoio do IPG, UBI, e outras entidades, sendo o Professor Malaca Casteleiro encarregado de providenciar aos esforços tendentes a conseguir este desiderato. Lançamos no 21º colóquio mais dois projetos: a **Coletânea de Textos Dramáticos** de autores açorianos, da autoria de Helena Chrystello e Lucília Roxo (incluindo Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo Teotónio de Almeida) bem como a **antologia no feminino “9 ilhas, 9 escritoras”** incluindo



Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férrin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho

Em 2014, no 22º colóquio em Seia,

tivemos dois dos maiores vultos da ciência portuguesa, desconhecidos para a maioria da população – os professores José Carlos Teixeira do Canadá, especialista em Geografia Humana e o professor José António Salcedo, especialista mundial em ótica e laser. Conseguimos igualmente trazer um grupo de dançarinos/as de Timor-Leste que ao longo de três sessões nos encantaram, tentando fazer uma aproximação entre culturas lusófonas bem distantes.

Muito resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram numa década, provando a vitalidade da sociedade civil quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Esperemos que mais se juntem à AICL – Colóquios da Lusofonia - para fazermos chegar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão portuguesa. Ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a vossa ajuda e dedicação muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Ao terminar podemos questionar quanto vale um idioma? Se a Língua Portuguesa estivesse numa prateleira de supermercado, estaria num nicho de luxo ou esquecida num canto, para promoção de minimercado? Estamos acostumados a medir o valor económico dos objetos a que um idioma dá nome, e não do idioma em si. Um estudo solicitado pelo Camões ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), em Portugal, encarou o desafio

de medir essa grandeza, e revela que 17% do PIB do país equivale a atividades ligadas direta ou indiretamente à Língua Portuguesa.

-“É um percentual interessante, por ter ficado ligeiramente acima do que se apurou na Espanha relativamente ao espanhol (15%)” - analisa Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, professor visitante da PUC-RS e um dos fundadores da Universidade Aberta em Portugal, da qual foi reitor até julho 2012.

O índice leva em conta a importância relativa da comunicação e da compreensão em campos de atividades económicas. Privilegia relações que exigem uma língua e descarta atividades que podem ser executadas por trabalhadores de outra nacionalidade ou competência linguística. Ramos como ensino, cultura e telecomunicações seriam celeiros automáticos de atividades em que a língua é fulcral. Além destas "indústrias da língua", há as ligadas a fornecedores de produtos em Português, como a administração pública, o setor de serviços, ou as que induzem maior conteúdo de Língua para a economia como um todo, da indústria de papel à de eletrodomésticos.

A pesquisa indica que o fenómeno se repete em coeficientes aplicáveis aos países lusófonos. Línguas com muitos utilizadores fornecem mercado maior para bens culturais. O crescimento sustentado da última década fez o gigante da Língua Portuguesa saltar aos olhos globais. O Brasil é líder das relações comerciais entre países lusófonos, movimentando um Produto Interno Bruto que passou de US\$ 1,9 mil milhões em 2009 para US\$ 2,3 mil milhões em 2010, diz o Banco Mundial. Já o PIB dos imigrantes de Língua Portuguesa noutros países ronda US\$ 107 mil milhões (2009).



A diferença entre os países pobres e os ricos não é a idade do país. Isto está demonstrado em casos como o do Egito, com mais de 5.000 anos, e é pobre. Por outro lado, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia, que há 200 anos eram inexpressivos, hoje são países desenvolvidos e ricos. A diferença entre países pobres e ricos também não reside nos recursos naturais disponíveis. O Japão possui um território limitado, 80% montanhoso, inadequado para a agricultura e para a criação de gado, mas é a segunda economia mundial, uma imensa fábrica flutuante, que importa matéria-prima do mundo inteiro e exporta produtos manufacturados. Outro exemplo é a Suíça, que não planta cacau, mas tem o melhor chocolate do mundo no seu pequeno território onde cria animais, e cultiva o solo durante quatro meses ao ano, no entanto, fabrica laticínios da melhor qualidade. É um país pequeno com uma imagem de segurança, ordem e trabalho, como cofre-forte do mundo. Na comparação entre gestores dos países ricos e os seus homólogos dos países pobres, demonstra-se que não há qualquer diferença intelectual.

A raça, ou a cor da pele, também não são importantes: os imigrantes rotulados como preguiçosos nos seus países de origem, são a força produtiva dos países europeus ricos. Onde está então a diferença? Está no nível de consciência do povo, no seu espírito. A evolução da consciência deve constituir o objetivo primordial do Estado, em todos os níveis do poder. Os bens e os serviços são apenas meios...

A educação (para a vida) e a cultura ao longo dos anos devem plasmar consciências coletivas, estruturadas nos valores eternos da sociedade: moralidade, espiritualidade, e ética.

Solução-síntese:

Transformar a consciência do Português. O processo deve começar na comunidade onde vive e convive o cidadão. A comunidade, quando está politicamente organizada em Associação de Moradores, Clube de Mães, Clube de Idosos, etc., torna-se um micro Estado. As transformações desejadas serão efetuadas nesses microestados, que são os átomos do organismo nacional – confirma a Física Quântica.

Ao analisarmos a conduta das pessoas nos países ricos e desenvolvidos, constatamos que a grande maioria segue o paradigma quântico, isto é, a prevalência do espírito sobre a matéria, ao adotarem os seguintes princípios de vida:

1. A ética, como base;
2. A integridade;
3. A responsabilidade;
4. O respeito às leis e aos regulamentos;
5. O respeito pelos direitos dos outros cidadãos;
6. O amor ao trabalho;
7. O esforço pela poupança e pelo investimento;
8. O desejo de superação;



9. A pontualidade.

Somos como somos, porque vemos os erros e encolhemos os ombros dizendo: "não interessa!" A preocupação de todos deve ser com a sociedade, que é a causa, e não com a classe política, que é o triste efeito. Só assim conseguiremos mudar o Portugal de hoje. Vamos agir!

Muito mais se poderia dizer sobre a ação dos Colóquios quer a nível das suas preocupações com o currículo regional dos Açores e outras questões nacionais e internacionais, mas o que atrás fica dito espelha bem a realidade das nossas iniciativas.

Reflitamos sobre o que disse Martin Luther King:

" O que é mais preocupante, não é o grito dos violentos, dos corruptos, dos desonestos, ou dos sem ética. O que é mais preocupante é o silêncio dos que são bons..."

Leia o MANIFESTO (2012) CONTRA A CRISE: A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO,

<http://www.lusofonias.net/propostas-aicl/manifesto-aicl-2012.html>

www.lusofonias.net

3. TEMAS 2015 Fundão

TEMA 1 AUTORES E TEMAS LOCAIS

- 1.1. AUTORES E OBRAS ()
- 1.2. FALARES DO FUNDÃO
- 1.3. DA HISTÓRIA DO POVOAMENTO AOS NOSSOS DIAS, DA TRANSUMÂNCIA À GASTRONOMIA, UMA IDENTIDADE

TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA

- 2.1. Língua Portuguesa na Galiza, Olivença, Goa, Malaca, (no mundo)
- 2.2. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários Científicos
- 2.3. Língua Portuguesa Língua de Identidade e Criação
- 2.3. Língua Portuguesa na Comunicação Social e no Ciberespaço
- 2.4. Língua Portuguesa, Lusofonia e diásporas
- 2.5. Língua Portuguesa, Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.
- 2.6. Política da Língua
- 2.7. Lusofonia na arte e noutras ciências
- 2.8. Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos sobre a ortografia
- 2.9. Outros temas lusófonos

TEMA 3 Açorianidades (TEMAS PERMANENTES)

- 3.1. Arquipélago da Escrita (Açores) - Literatura de matriz açoriana
 - 3.1.0. Autores açorianos convidados
 - 3.1.1., José Martins Garcia por Urbano Bettencourt
 - 3.1.2. Literatura Infantojuvenil / Prémio AICL Açorianidades, Susana Teles Margarido
 - 3.1.3 Homenagem contra o Esquecimento, Insularidade em Cecília Meireles, por Brites Araújo



3.2. Açorianos em Macau e em Timor – D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, João Paulino de Azevedo e Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado

3.3. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, ex^o

- Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): History of the Azores, or Western Islands, containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones.
- Bullar, Joseph / Henry (1841): A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas, vol. I, London: John van Voorst [vol. II com as mesmas referências bibliográficas].
- Henriques, Borges de F. (1867): A trip to the Azores or Western Islands, Boston: Lee and Shepard.
- Orrico, Maria "Terra de Lídia",
- Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha",
- Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim"
- Twain Mark (1899): The Innocents Abroad, Volume I, Nova Iorque; London: Harper & Brothers Publishers. (cap. Açores, Faial), CAP. V/VI
- Updike, John. "Azores", Harper's Magazine, March 1964, pp. 11-37

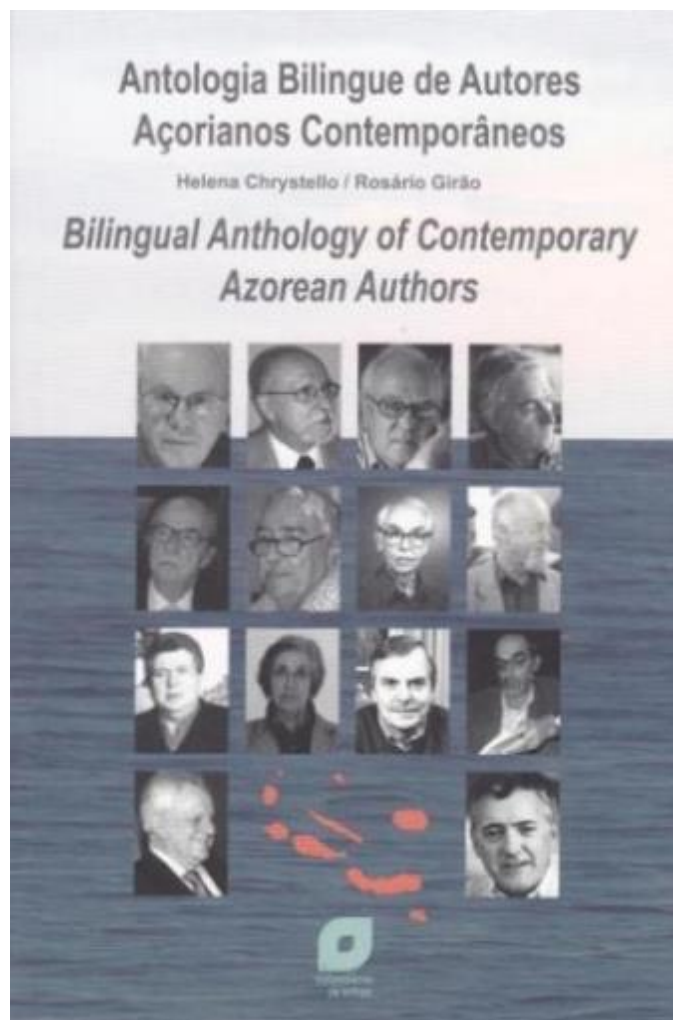
TEMA 4 Tradutologia

4.1. Tradução de Literatura lusófona

4.2. tradução de e para português

4. MOSTRA DE LIVROS DA AICL/CALENDÁRIO DE LETRAS









Lucília Roxo

Helena Chrystello

Coletânea de textos dramáticos de autores açorianos

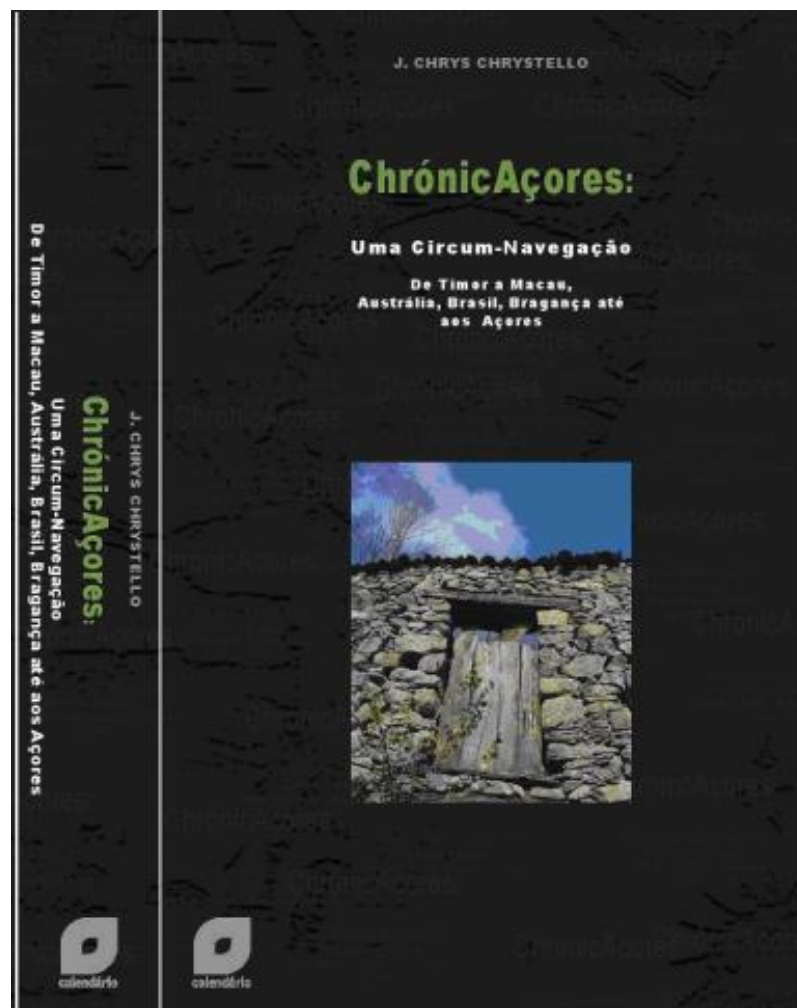


Coletânea de textos dramáticos de autores açorianos

Helena Chrystello

Lucília Roxo







**5. RECITAIS MÚSICA CLÁSSICA (2) - ANA PAULA ANDRADE,
PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO, CONSERVATÓRIO
REGIONAL, PONTA DELGADA, AÇORES /AICL**



BRAGANÇA 2009

ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964) – Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos. Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de

Lisboa, frequentando, na classe da Prof.^a Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.



BRAGANÇA 2010

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos estados Unidos), tocando como solista, com orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart. Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas ilhas do arquipélago. Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores. Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em duas digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades. Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição no Conservatório Regional, desempenhando desde 2004 o cargo



de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada. . Em 2010 foi a pianista convidada dos colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.



COM A UDESC EM SANTA CATARINA 2010



COM A UDESC EM SANTA CATARINA 2010

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.



NO IPM (MACAU) 2011

No 16º colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.



2011 STA Mª

No 17º COLÓQUIO na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.



2012 LAGOA

No 18º colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).



2012 GALIZA

No 19º colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).



2013 MAIA

No 20º colóquio em Seia 2013 estreou mais peças musicadas de autores açorianos, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo), Carolina



Constância (violino) e a soprano Raquel Machado. Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010. Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro.



2013 SEIA

ÁTUA DESDE 2008 NOS COLÓQUIOS, LIDERANDO AS PERFORMANCES MUSICAIS EM BRAGANÇA 2008-09, LAGOA 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO 2011, LAGOA E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

É SECRETÁRIA DA ASSEMBLEIA GERAL

DARÁ DOIS RECITAIS COM CAROLINA CONSTÂNCIA NO VIOLINO E HENRIQUE CONSTÂNCIA NO VIOLONCELO

6. SESSÕES DE POESIA

Poesia de autor declamada pelos próprios

- Brites Araújo
- Concha Rousia
- Chrys Chrystello
- Maria Dovigo
- Susana Margarido *
- Urbano Bettencourt
- Luciano Pereira

(poesia de outrem)

7. PASSEIOS CULTURAIS (carregue para ver detalhes)

sessão especial na UBI (Universidade da Beira Interior)

visita guiada a aldeia histórica

aldeias de xisto

centros museológicos do Fundão

Museus de lanifícios da UBI Covilhã (visita patrocinada pela UBI)

Centum Cellas

Museu do Queijo na Covilhã (visita patrocinada pela UBI)



8. COMISSÕES 23º COLÓQUIO Fundação 2015

COMISSÃO EXECUTIVA DO COLÓQUIO

PRESIDENTE,

Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), Presidente da Direção da AICL e da Comissão Executiva dos Colóquios

VICE-PRESIDENTES,

1. Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores / Vice-Presidente da Direção da AICL
2. Presidente da Câmara Municipal, Paulo Alexandre B. Fernandes

VOGAIS:

1. Vereadora da Câmara Municipal, Dra. Mª Alcina D. Cerdeira
2. Perpétua Santos Silva, CIES/ISCTE-IUL, IP Santarém/AICL, Santarém, Portugal

COMISSÃO CIENTÍFICA 23º colóquio da lusofonia - AICL –

1. Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Professor Doutor Luciano J B dos Santos Pereira, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico Setúbal, Portugal
4. Professor Doutor Rolf Kemmler, CEL, Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) Vila Real, Portugal
5. Concha Rousia, MSc (Master in Science), Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
6. Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), Presidente da Direção da AICL

7. Dra. Helena Chrystello, Mestre, Escola EBI 2,3 Maia, Vice-Presidente da Direção da AICL, S. Miguel Açores, Portugal

8. Professor Doutor Paulo Osório, UBI

9. Professor Doutor Alexandre Luís, UBI

10. Professora Doutora Carla Sofia Luís, UBI

SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE:

Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTOS:

1. Concha Rousia MSc (Master in Science), psicóloga, Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
2. Perpétua Santos Silva, CIES/ISCTE-IUL, IP Santarém/AICL, Santarém, Portugal
3. João Costa Simões Chrystello, ENTA – INOVA (Escola de Novas Tecnologias dos Açores) - Instituto de Inovação Tecnológica dos Açores), Ponta Delgada
4. Maria Elisa Dias, Escola Secundária das Laranjeiras, PDL; Açores

COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE DA AICL 2013-15

1. Prof. Doutor João Malaca Casteleiro, Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Prof. Doutor Evanildo Cavalcante Bechara, Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Chrys Chrystello, MA (Master of Arts), jornalista/escritor, Presidente da Direção da AICL



4. Helena Chrystello, Mestre, Escola EBI 2,3 Maia, Vice-Presidente da AICL, S. Miguel Açores, Portugal
5. Prof.^a Doutora M^a do Rosário Girão, (Dept^o Estudos Românicos) Universidade do Minho, Braga, Portugal
6. Prof. Doutor Rolf Kemmler, (CEL) Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real, Portugal
7. Prof. Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico, Setúbal, Portugal
8. Prof.^a Doutora Anabela Naia Sardo, ESTH, Instituto Politécnico, Guarda, Portugal
9. Eduardo Bettencourt Pinto, escritor, Vancouver, Canadá
10. Prof. Doutor Manuel J Silva, Universidade do Minho, Braga, Portugal
11. Concha Rousia, MSc (Master in Science), psicóloga, Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
12. Prof.^a Doutora M^a Zélia Borges, jubilada Universidade Mackenzie, S. Paulo, Brasil
13. Prof.^a Doutora Anabela Freitas (Mimoso), Univ. Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Porto, Portugal
14. Dr. Ângelo Cristóvão, Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
15. Dr J H Álamo Oliveira, escritor, ex- DRC, Terceira, Açores
16. Dr Norberto Ávila, escritor, Lisboa, Portugal

9. ORADORES/PRESENCIAIS/CONVIDADOS/ORGANIZAÇÃO

NOME	INSTITUIÇÃO	TEMA E TÍTULO
1. ALEXANDRE LUÍS	UBI - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR/AICL, PORTUGAL	2.9. AFONSO DE ALBUQUERQUE E A CONSTRUÇÃO DO ESTADO/IMPÉRIO PORTUGUÊS DA ÍNDIA
2. ALMIRANTE ANTÓNIO REBELO DUARTE	INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO REPRESENTA PROF. ADRIANO MOREIRA, LISBOA, PORTUGAL	2.1. A CPLP, UMA COMUNIDADE À PROCURA DE UM CAMINHO
3. ANA PAULA ANDRADE	AICL /CONSERVATÓRIO REG. PONTA DELGADA, AÇORES	RECITAIS
4. ANA RITA CARRILHO	UBI - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, PORTUGAL	2.5. O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EUROPA: PORTUGAL E POLÓNIA.
5. ANTIA CORTIÇAS LEIRA	ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DE PORTUGUÊS, GALIZA	2.1 CONTRIBUTOS PARA O ENSINO, APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO DO PORTUGUÊS NA GALIZA / SESSÃO AGLP
6. BRITES ARAÚJO	CONVIDADA AICL - AICL/ESCRITOR	3.1.3. O TRAÇO INSULAR EM CECÍLIA MEIRELES



BRITES ARAÚJO	A AÇORES, CONVIDADA AICL - AICL/ESCRITOR A AÇORES,	SESSÃO DE POESIA 5
7. CARLA SOFIA LUÍS	UBI/AICL - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, PORTUGAL	2.1. A ESCRITA DE JOSÉ LEÓN MACHADO: O CASO DAS OBRAS <i>MEMÓRIA DAS ESTRELAS SEM BRILHO E A VENDEDORA DE CUPIDOS.</i>
CARLA SOFIA LUÍS	UBI - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR/AICL, PORTUGAL	MODERADORA SESSÃO 7
8. CAROLINA CONSTÂNCIA	CONSERVATÓRI O REG. PONTA DELGADA, AÇORES	RECITAIS
9. CHRYS CHRYSTELLO	AICL/AGLP, AUSTRÁLIA/AÇO RES	2.4. HISTORIAL DA AICL
CHRYS CHRYSTELLO	AICL/AGLP, AUSTRÁLIA/AÇO RES	3.1. AÇORIANIDADES: CANTO DOS AÇORES, OS POEMAS
CHRYS CHRYSTELLO	AICL/AGLP, AUSTRÁLIA/AÇO RES	MODERADOR SESSÃO 10
CHRYS CHRYSTELLO	AICL/AGLP, AUSTRÁLIA/AÇO RES	SESSÃO POESIA
10. CONCHA ROUSIA	AGLP, AICL, GALIZA	2.7. LÍNGUA MATERNA E PSICOTERAPIA
CONCHA ROUSIA	AGLP, AICL, GALIZA	SESSÃO DAS ACADEMIAS

CONCHA ROUSIA	AGLP, AICL, GALIZA	MODERADORA SESSÃO 12/
CONCHA ROUSIA	AGLP, AICL, GALIZA	SESSÃO DE POESIA
11. D'SILVAS FILHO	CIBERDÚVIDAS/ AICL, LISBOA, PORTUGAL	PRESENCIAL
12. EVANILDO BECHARA	ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS (ABL)/AICL, RIO, BRASIL	SESSÃO DAS ACADEMIAS
13. FÁTIMA MADRUGA	MÉDICA, HOSPITAL DE VILA NOVA DE GAIA, PORTUGAL	PRESENCIAL
14. FRANCISCO MADRUGA	EDITORA CALENDÁRIO DE LETRAS/AICL, V N GAIA, PORTUGAL	PRESENCIAL/MOSTRA DE LIVROS
15. HELENA CHRYSTELLO	AICL/ EBI MAIA, AÇORES	MODERADORA SESSÃO 6/12
16. HENRIQUE CONSTÂNCIA	CONSERVATÓRI O REG. PONTA DELGADA, AÇORES	RECITAIS
17. JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO	ENTA-INOVA (ESC. DE NOVAS TECNOLOGIAS/ INSTº INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, AÇORES	SECRETARIADO
18. JOÃO MALACA	ACADEMIA DAS	SESSÃO DAS



CASTELEIRO	CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL)/AICL, PORTUGAL	ACADEMIAS
19. JOÃO MARINHO DOS SANTOS	UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL	2.9. CRISES DO IMPÉRIO PORTUGUÊS NA ÉPOCA MODERNA
20. JOSÉ BARBOSA MACHADO	UTAD, VILA REAL, PORTUGAL	2.2. DICIONÁRIO DOS PRIMEIROS LIVROS IMPRESSOS EM LÍNGUA PORTUGUESA (1488-1499)
21. JOSÉ MANUEL BARBOSA	AGLP, GALIZA	2.1. ALGUMAS NOTAS SOBRE A ETIMOLOGIA DE OURENSE
22. JOSÉ ROSA,	BC/UBI - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR, PORTUGAL	2.4. <i>ESTAR EM DIÁSPORA</i> : UM MODO DE <i>SER</i> PORTUGUÊS.
23. LUCIANO PEREIRA	ESE-SETÚBAL – IP SETÚBAL/AICL, SETÚBAL, PORTUGAL	3.1.1. A BÉLGICA NA POESIA DE NEMÉSIO
LUCIANO PEREIRA	ESE-SETÚBAL – IP SETÚBAL/AICL, SETÚBAL, PORTUGAL	MODERADOR SESSÃO 17
LUCIANO PEREIRA	ESE-SETÚBAL – IP SETÚBAL/AICL, SETÚBAL, PORTUGAL	SESSÃO POESIA
24. MANUEL CÉLIO DA CONCEIÇÃO	UNIVERSIDADE DO ALGARVE, PORTUGAL	2.2. LÍNGUA PORTUGUESA E CIÊNCIA: QUE

		COMPROMISSOS?
25. M ^a da CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA	Esc. SEC LARANJEIRAS, PDL, AÇORES	PRESENCIAL CONVIDADA
26. M ^a da CONCEIÇÃO CASTELEIRO	AICL, LISBOA, PORTUGAL	PRESENCIAL CONVIDADA
27. M ^a ELISA DIAS	Esc. SEC LARANJEIRAS, PDL, AÇORES	SECRETARIADO
M ^a LUÍSA TIMÓTEO **	AICL/KORSANG DI MELAKA, LISBOA, PORTUGAL	PRESENCIAL
28. M ^a NAZARÉ	LISBOA, PORTUGAL	PRESENCIAL CONVIDADA
29. M ^a SEOANE DOVIGO	AGLP / AICL, GALIZA	2.1. O PERFUME DA FLOR SILVESTRE: USO DE NOMES DE LUGAR EM POETAS GALEGOS, IRLANDESES E AFRICANOS"
M ^a SEOANE DOVIGO	AGLP / AICL, GALIZA	SESSÃO POESIA
30. MARLEY POLETTO	INST.º CULTURAL PORTUGUÊS, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL	PRESENCIAL
31. MARLIT BECHARA	BRASIL/AICL	PRESENCIAL CONVIDADA
32. NORBERTO ÁVILA	AICL, LISBOA, PORTUGAL	PRESENCIAL
33. PERPÉTUA SANTOS SILVA	IP SANTARÉM/AICL, SANTARÉM, PORTUGAL	2.1. ESTUDANTES DE PORTUGUÊS EM MACAU E PRÁTICAS CULTURAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA



PERPÉTUA SANTOS SILVA	IP SANTARÉM/AICL, SANTARÉM, PORTUGAL	MODERADORA SESSÃO 19
34. RAÚL GAIÃO	AICL, LISBOA, PORTUGAL	3.2. AÇORIANOS EM MACAU – D. JOSÉ DA COSTA NUNES: CEM ANOS DA REVISTA “ORIENTE”
RAÚL GAIÃO	AICL, LISBOA, PORTUGAL	MODERADOR SESSÃO 20
35. ROLF KEMMLER	UTAD/AICL, VILA REAL/ALEMANHA	3.3. A POPULAÇÃO DE S. MIGUEL EM A <i>WINTER IN THE AZORES AND A SUMMER AT THE BATHS OF THE FURNAS (1841)</i>
36. SANTA INÉZE ROCHA	AICL/INST.º CULTURAL PORTUGUÊS, RIO GRANDE SUL, BRASIL	PRESENCIAL
37. SUSANA TELES MARGARIDO	CONVIDADA AICL - DSS, AÇORES	3.1.2. A LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO
SUSANA TELES MARGARIDO	CONVIDADA AICL - DSS, AÇORES	1.2. MUNDOS MARAVILHOSOS: ALGUNS CONTOS DE SOPHIA
SUSANA TELES MARGARIDO	CONVIDADA AICL - DSS, AÇORES	SESSÃO DE POESIA
38. URBANO BETTENCOURT	CONVIDADO AICL, E S ANTERO DE QUENTAL, PDL, AÇORES	3.1. SER ESCRITOR NOS AÇORES

URBANO M BETTENCOURT	CONVIDADO AICL, E S ANTERO DE QUENTAL, PDL, AÇORES	3.1.1. JOSÉ MARTINS GARCIA - A LINGUÍSTICA VAI À GUERRA
URBANO M BETTENCOURT	CONVIDADO AICL, E S ANTERO DE QUENTAL, PDL, AÇORES	MODERADOR SESSÃO 9
URBANO M BETTENCOURT	CONVIDADO AICL, E S ANTERO DE QUENTAL, PDL, AÇORES	SESSÃO POESIA
39. XURXO FERNÁNDEZ CARVALHIDO	ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DE PORTUGUÊS, GALIZA	2.1. PRESENTE E FUTURO DO ENSINO DO PORTUGUÊS NA GALIZA./SESSÃO AGLP
40. ZÉLIA PEREIRA	SETÚBAL, PORTUGAL	PRESENCIAL CONVIDADA

- ** AGUARDA PARECER MÉDICO PARA COMPARECER

10. **HORÁRIO DAS SESSÕES 27-31 março 2015 –**

Entrada gratuita. Sessões abertas ao público. A participação nos passeios, almoços e jantares está reservada aos pré-inscritos até 1 de março [Ver horário aqui](#)

11. **SINOPSES E BIODADOS – ORADORES, PRESENCIAIS, CONVIDADOS E ORGANIZAÇÃO**



1. ALEXANDRE LUÍS - UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR



Alexandre António da Costa Luís nasceu no Canadá. É licenciado em História (Bom com Distinção, 17 valores) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde arrecadou os prémios *Curricular Feijó* e *Latim Medieval Geraudes Freire*.

Obteve os graus de mestre em História Moderna (Muito Bom, por unanimidade) e de doutor em História, especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Aprovado com Distinção e Louvor, por unanimidade), igualmente na Universidade de Coimbra.

É Professor Auxiliar e Vice-presidente da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior.

É Investigador Integrado do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, Membro da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa (Secção de História) e Sócio da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.



Da lista das suas últimas publicações, destacamos

O Portugal Messiânico e Imperial de D. João II na Oração de Obediência dirigida a Inocêncio VIII em 1485, Covilhã, LusoSofia:press, Universidade da Beira Interior, 2013;

Algumas Páginas sobre Língua, Cultura e História Portuguesas, Fundão, Edição: Grafisete, com o apoio da UBI e da AICL, 2013 (elaborado com Carla Luís);

Portugal-África: mitos e realidades vivenciais e artísticas, Alexandre António da Costa Luís e outros (coord.), Covilhã, UBI, com o apoio da FCT, 2012, onde é também o autor do capítulo “*A África na Política Joanina de Consolidação da Independência Portuguesa – o caso da tomada de Ceuta (1415)*”, pp. 187-214;



“O Papado Perante a Expansão Portuguesa: o significado político da bula *Romanus Pontifex* (1455)”, in José Maria Silva Rosa (org.), *Da Autonomia do Político: entre a Idade Média e a Modernidade*, Lisboa, Documenta, com o apoio da FCT, 2012, pp. 269-288;

“Cavaco Silva e as Eleições Legislativas de 1985: uma introdução”, *UBILETRAS*, n.º 3, Covilhã, 2012, pp. 141-165;

“Uma Potência em Ascensão: Portugal à luz do discurso proferido por D. Garcia de Meneses perante o Papa Sisto IV (1481)”, in André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro (org.), *Representações da Portugalidade*, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 243-263.



1

TEMA 2 - 2.9. OUTROS TEMAS LUSÓFONOS, AFONSO DE ALBUQUERQUE E A CONSTRUÇÃO DO ESTADO/IMPÉRIO PORTUGUÊS DA ÍNDIA. ALEXANDRE ANTÓNIO DA COSTA LUÍS, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR E CHSC DA UNIV. DE COIMBRA. ALUIS@UBI.PT

RESUMO

Abordar a formação do Estado/Império Português da Índia implica necessariamente, embora não só, olhar para o papel exercido por alguns altos dirigentes, com especial destaque para o vice-rei D. Francisco de Almeida (1505-1509) e o governador Afonso de Albuquerque (1509-1515). Em relação a Almeida, refira-se, no entanto, que o seu desempenho/legado nem sempre recebeu a devida atenção por parte da historiografia.

Felizmente, os estudos mais recentes têm vindo a corrigir essa situação, permitindo, por exemplo, elucidar com maior profundidade a natureza das divergências que subsistiam entre os dois mencionados cabos-de-guerra e frisar até que ponto a intervenção pioneira do primeiro acabou por alumiar a atuação do segundo.

Contudo, este ato de justiça, digamos assim, não esconde que o sucessor de D. Francisco de Almeida, o enérgico Afonso de Albuquerque, apelidado de *Leão dos Mares* pelo xá da Pérsia, ocupou um lugar único na nossa expansão asiática, não somente pela correspondência relevante que deixou ou pelo seu estatuto de comandante militar de eleição, circunstância devidamente ilustrada pela conquista de várias “cidades-mundo” do Índico (que



percecionava na sua globalidade), fracassando, todavia, em Adén, mas também pelo seu labor e pragmatismo nas esferas administrativa e diplomática.

Na verdade, foi o condutor de uma grande estratégia e muitos recordarão até o seu protagonismo em matéria de colonização europeia, sobressaindo, desde logo, a sua política de incentivos a casamentos entre portugueses e nativas. Sublinhe-se, naturalmente, a nova sociedade que fez nascer na sua querida Goa.

Por outro lado, esclareça-se que Albuquerque, que ajudou, sem dúvida, a edificar um autêntico império marítimo na Ásia, era igualmente um apoiante do imperialismo messiânico manuelino, sonhando, portanto, com o derrube do Islão e a reconquista cristã de Jerusalém.

Ora, aproximando-se os 500 anos da morte de Afonso de Albuquerque, já que faleceu a 16 de dezembro de 1515, e por constituir uma das figuras mais marcantes da História de Portugal e da Época da Renascença, decidimos que faria todo o sentido revisitar, ainda que de forma sucinta, a sua ação no Oriente, onde o ensino da língua portuguesa não foi, de resto, esquecido pelo governador, bastando lembrar que, em 1512, na primitiva escola de Cochim, fundada por ele, cerca de 100 meninos aprendiam português por cartinhas despachadas com esse fim pelo rei D. Manuel.

Aliás, não olvidemos que, dos séculos XVI a XVIII, o português servirá de “língua franca” nos portos do Oceano Índico.

[É SÓCIO DA AICL.](#)

[PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO \(GALIZA 2012\), 20º E 22º SEIA 2013, 2014](#)

2. ALMIRANTE ANTÓNIO CARLOS REBELO DUARTE



Vice-almirante REF. Nasceu em 1946, alistando-se na Marinha (Escola Naval), em SET63.

Guarda-Marinha em JAN67.

Especializado em “Comunicações” (1968) e habilitado com outros cursos: “*International Defense Management Course*”, da Naval Post-graduate School”, Monterey, Califórnia, USA (1985), Cursos Navais de Guerra – Geral (1980) e Superior (1997/98) do ex-Instituto Superior Naval de Guerra (ISNG) e licenciatura em Economia pelo ISEG/UTL (1974).

Embarcou em várias unidades navais, incluindo a fragata “Álvares Cabral” em comissão em Angola e Moçambique (1969/71).

Exerceu o Comando da LFG “Argos” (Guiné/1974) e das corvetas “Honório Barreto” (1975) e “Jacinto Cândido” (1987).

Em terra, (1976/82) foi Professor de Economia na Escola Naval (EN) e de Estratégia e Coordenador da Respetiva Área de Ensino no ex-ISNG (1998-



2000); Conselheiro Militar na Delegação de Portugal junto da OTAN (Delnato), Bruxelas (1989/92). Chefiou as Divisões de “Comunicações” e de “Pessoal e Organização” do Estado-Maior da Armada (1993-97). Como Contra-almirante, comandou a EN (2000-02) e em Vice-almirante, dirigiu o ex-ISNG até à sua extinção em 2005. Presidiu à Comissão do Domínio Público Marítimo (2007-11).

Conferencista e Professor convidado, da UCP, respetivamente, desde 2004 e 2008. Membro Correspondente e Académico de Número Português da Academia Internacional de Cultura Portuguesa, respetivamente desde 2008 e 2014, e Membro Correspondente e Membro Efetivo da Academia de Marinha, desde 2009 e 2012. Preside, desde 2009, à direção do Instituto D. João de Castro, fundado pelo Prof. Adriano Moreira e Padre Joaquim Aguiar. Deixou definitivamente a efetividade de serviço, para transitar para a situação de Reforma, por limite de idade, em 03AGO2011.

TEMA 2.1 “A CPLP, UMA COMUNIDADE À PROCURA DE UM CAMINHO”, ANTÓNIO C. REBELO DUARTE, V/ALM. REF

SINOPSE

A Lusofonia constitui uma dimensão estratégica fundamental, justificando-se, pois, que seja encarada com relevância e lucidez, num futuro português onde cabem o MAR e a CPLP, a par de uma avaliação atualizada sobre as articulações e coerência da relação triangular Portugal–Angola–Brasil, que se pretende inclusiva dos demais membros da Comunidade.

Subjacente à criação da CPLP, em 1996, esteve a vontade portuguesa de se reencontrar com os povos das antigas colónias, segundo um reinventado modelo de cooperação, mas a sua consolidação é, ainda, uma tarefa algo

imperfeita e inacabada, à procura de um interface entre interesses nacionais, regionais e comunitários.

Estas e outras preocupações relacionadas com os comportamentos e atitudes dos Estados membros, alimentam aquilo a que se poderá apelidar de um “futuro de interrogações”, reforçando a necessidade de se apurarem respostas concertadas.

Só assumindo a diversidade poderemos continuar a dar algum sentido à existência e construção de uma verdadeira comunidade da Lusofonia, como uma plataforma de partilha, fraternidade e desenvolvimento, a par de linhas de ação muito concretas para responder aos múltiplos desafios que a aguardam, nomeadamente no âmbito da ciência e investigação, das tecnologias e da saúde, a par da obtenção de um estatuto internacional de produtor de segurança reconhecido pela ONU e outras organizações internacionais de âmbito regional. Para vingar neste mundo globalizado, convirá à CPLP dotar-se de uma estratégia com visão política abrangente, de instrumentos institucionais inovadores e meios orçamentais à altura, tudo o que lhe tem faltado até agora. Só assim conseguirá facilitar e potenciar as realizações de uma (imprescindível) obra em comum feita, ao nível do reforço da língua, do ensino, da investigação e da cultura, vetores prioritários para assegurar a eternidade que o económico não garante. Para tanto, Portugal não pode deixar a estratégia no baú da história ou ao cuidado de outros.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ



**3. ANA PAULA ANDRADE, PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO,
CONSERVATÓRIO REGIONAL, PONTA DELGADA, AÇORES /AICL**



BRAGANÇA 2009

ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964) – Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos. Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.



BRAGANÇA 2010

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos estados Unidos), tocando como solista, com orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart. Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas ilhas do arquipélago. Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores. Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em duas digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades. Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição no Conservatório Regional, desempenhando desde 2004 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada. . Em 2010 foi a pianista convidada dos colóquios para o XIII Colóquio



Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.



Com a UDESC EM SANTA CATARINA 2010



Com a UDESC EM SANTA CATARINA 2010

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.



NO IPM (MACAU) 2011



No 16º colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.



2011 STA Mª

No 17º COLÓQUIO na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.



2012 LAGOA

No 18º colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).



2012 GALIZA

No 19º colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álamo Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).



2013 MAIA

No 20º colóquio em Seia 2013 estreou mais peças musicadas de autores açorianos, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (violino) e a soprano Raquel Machado.



Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010.

Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro.



2013 SEIA

DESDE 2008 NOS COLÓQUIOS, LIDEROU AS PERFORMANCES MUSICAIS EM BRAGANÇA 2008-09, LAGOA 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO 2011, LAGOA E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

É SECRETÁRIA DA ASSEMBLEIA GERAL

DARÁ DOIS RECITAIS COM CAROLINA CONSTÂNCIA NO VIOLINO E HENRIQUE CONSTÂNCIA NO VIOLONCELO



4. ANA RITA CARRILHO, DIRETORA DO CURSO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA - DEPARTAMENTO DE LETRAS, UBI,



Ana Rita Carrilho licenciou-se em Língua e Cultura Portuguesa (via ensino), pela Universidade da Beira Interior (2001), frequentou o mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, área de especialização em Metodologia do Ensino do Português (LE/L2), na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2006) e obteve o grau de Doutora em Letras, pela Universidade da Beira Interior (2015). Nesta mesma universidade, é docente do Departamento de Letras, onde é diretora do Curso de Português Língua Estrangeira. Tem experiência de lecionação de Português como Língua Segunda, desde 2002, e de Português como Língua Estrangeira, tendo lecionado cursos intensivos na Universidade Técnica de Białystok (Polónia).



A investigação que desenvolve centra-se na área da Linguística Aplicada ao ensino do Português como Língua não Materna.

TEMA 2.5. O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA EUROPA: PORTUGAL E POLÓNIA.” ANA RITA CARRILHO, UBI.

RESUMO

No contexto de ensino de língua com centragem no aprendente, voltado para as necessidades deste último, a presente comunicação pretende contribuir para um melhor entendimento sobre o processo de aprendizagem estratégica da língua portuguesa em dois contextos distintos: como língua estrangeira (LE) e como língua segunda (L2).

Parte-se do constructo de *estratégia de aprendizagem* e reflete-se sobre o seu ensino explícito, visando otimizar a aprendizagem da língua na expectativa de contribuir para que os aprendentes se tornem mais autónomos, responsáveis e bem-sucedidos.

Propõe-se que estratégias de ensino e de aprendizagem sejam conjugadas no espaço da sala de aula, proporcionando condições para que os aprendentes desenvolvam, por si próprios, um comportamento estratégico e que reconheçam nelas o seu poder enquanto mecanismos de autorregulação, capazes de facilitar a compreensão, o

armazenamento e a recuperação de toda a informação alvo de aprendizagem.

Na presente comunicação traz-se à colação um estudo realizado nos contextos de aprendizagem de Português Língua Estrangeira (LE) e Língua Segunda (L2), ambos ao nível de iniciação, no qual se pretendia verificar se o ensino explícito de estratégias era bem recebido pelos aprendentes e em que medida esta ação contribuiu para o desenvolvimento de uma aprendizagem estratégica da língua.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

5. ANTIA CORTIÇAS LEIRA, Escola de Idiomas de Ferrol (EOI_Ferrol)





ANTIA CORTIÇAS LEIRA

É Licenciada e com a tese de mestrado em Filologia Portuguesa pela Universidade de Santiago de Compostela.

Atualmente é Professora de língua portuguesa na Escola de Idiomas de Ferrol.

TEMA 2.1 CONTRIBUTOS PARA O ENSINO, APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO DO PORTUGUÊS NA GALIZA

RESUMO

O ensino do português na Galiza está cheio de idiosincrasias, vantagens e, sobretudo, inúmeros desafios. Veremos um pouco pelo miúdo estas questões através dos olhos da experiência poderá nos abrir novas portas para novas formulações, debates e resoluções.

Uma das primeiras questões seria qual a etiqueta que devemos pôr a esse ensino na Galiza: língua materna, língua estrangeira, língua segunda, língua de herança, língua? E qual, eventualmente, poderia ser a melhor focagem a dar às nossas aulas? Qual a melhor metodologia e didática de ensino?

Quais as principais facilidades e quais as dificuldades com que nos deparamos no nosso dia-a-dia? Quais aqueles conteúdos mais relevantes na hora de obtermos uma aprendizagem significativa?

É SÓCIA AICL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

6. BRITES ARAÚJO, ESCRITORA AÇORIANA CONVIDADA, AICL



Nasci a 2 de março de 1959 em Sta. Cruz da Graciosa, de pai micalense e mãe terceirense. Aos 5 anos, vim com a família para Ponta Delgada, onde fiz toda a escolaridade e onde residi até aos 19 anos.



Em 1982, ingressei nos Serviços de Tráfego Aéreo da que é agora a NAV - Portugal, o que me levou a fixar residência na ilha de Sta. Maria, durante 12 anos.

Licenciei-me em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Ingleses, na Universidade dos Açores, onde fiz também uma pós-graduação em Língua e Literatura Portuguesas e concluí a parte curricular do Mestrado em Cultura e Literatura Portuguesas.

Esporadicamente, fui docente contratada de Português e de Inglês, fiz jornalismo, rádio e teatro amador.

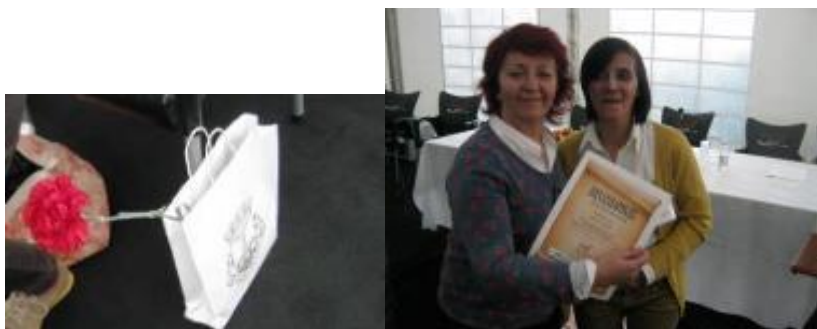
Ainda aluna do então Liceu Antero de Quental, publiquei um livro de poemas e integrei uma pequena antologia de poetas açorianos. Ao longo dos anos tenho publicado, de forma dispersa, em jornais e revistas, tendo ainda colaborado, como letrista, com alguns músicos dos Açores. Tenho feito, também, algum trabalho de tradução, onde se inclui a versão inglesa do livro "O Menino Perdido", de Susana Margarido. Após uma ausência de 10 anos, por Braga e pela Madeira, voltei aos Açores e a Ponta Delgada, onde me encontro a residir.



MAIA 2014



MOINHOS 2014



MOINHOS 2014



MOINHOS 2014



TEMA 3.1.3. O TRAÇO INSULAR EM CECÍLIA MEIRELES – COMUNICAÇÃO

Nascida no Brasil, numa geografia que se foi fazendo do litoral para o interior e onde o traço continental moldou História e imaginário, Cecília Meireles deixou-nos, surpreendentemente (ou talvez não), uma obra poética fortemente marcada pelo mar e por uma mundividência em muitos aspetos insular. Conhecidas as suas raízes açorianas, facilmente se encontrou nelas eco de uma *açorianidade* que, pese embora nos faça honra, não é de todo consensual, ou tão pouco legitimada pela consanguinidade que mantemos com a escritora carioca. Apesar disto, a presença de uma relação íntima com o mar, o uso de uma imagística e de uma semântica fortemente marcadas pelo elemento marinho, onde a nostalgia e a solidão pontuam, ou ainda o recurso a uma linguagem que remete amiúde para a ilha e para a insularidade, são questões incontornáveis na poesia ceciliana, pelo que há que reconhecer, de facto, a existência de aspetos da sua vida e da sua obra que legitimam uma incursão pelo que de inegavelmente insular e açórico existe no seu universo poético.

Não sendo essa insularidade de natureza geográfica ou histórica, posto que Cecília nunca viveu nos Açores e apenas por uma vez visitou a ilha da mãe e dos avós (S. Miguel, a que por diversas vezes alude como a sua *Ilha do Nanja* – e.g. “Pastoral V”), ela decorre de um conjunto de circunstâncias que incluem, desde logo e em primeiro lugar, a infância da escritora e a construção do seu imaginário; em segundo, a procura e manutenção de laços com a literatura e com escritores deste lado do Atlântico, entre os quais os açorianos Armando Côrtes-Rodrigues e Vitorino Nemésio; e em terceiro, o “isolamento interior” que tanto procurou e com que foi dando forma e voz ao seu lirismo e construindo o

sentido profundamente simbólico da sua insularidade. Esse isolamento, simultaneamente imposto e aceite, olhou-o sempre como algo de precioso na salvaguarda de uma personalidade e de uma visão do mundo excecionais

É SÓCIO DA AICL

PARTICIPA NAS SESSÕES DE POESIA

JÁ ESTEVE PRESENTE NO 21º COLÓQUIO, MOINHOS 2014

7. CARLA SOFIA GOMES XAVIER LUÍS – UBI / AICL



Carla Sofia Gomes Xavier Luís nasceu em Lamego, em 1977.

É licenciada em Português e Inglês (ensino de) pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, mestre em Língua, Cultura Portuguesa e Didática pela Universidade da Beira Interior e doutora em Letras (Linguística Literária Portuguesa) pela mesma instituição.

É Professora Auxiliar no Departamento de Letras da UBI e Investigadora no LabCom.IFP.



É Coordenadora do Centro de Avaliação de Português Língua Estrangeira (CAPLE) da UBI, Membro da Comissão Científica da *Revista Egítania Scientia* e Membro do Conselho da Faculdade de Artes e Letras. Da lista das suas últimas publicações, destacamos os livros

Língua e Estilo: um Estudo da Obra Narrativa de Mário Cláudio, Vila Real, Centro de Estudos em Letras e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, (com o apoio da FCT), 2011, 445 páginas,

Algumas Páginas sobre Língua, Cultura e História Portuguesas, Fundão, Grafisete, 2013 (em parceria com Alexandre António da Costa Luís),

Mário Cláudio e a Portugalidade, Carla Sofia Luís, Alexandre Luís e Miguel Real (org.), Lisboa, Editora Esfera do Caos (em vias de publicação), os capítulos de livro “Mário Cláudio: Nauta e Guardiã da Portugalidade”, in André Barata, António Santos Pereira e José Ricardo Carvalheiro (org.),





Representações da Portugalidade, Alfragide, Caminho, 2011, pp. 57-80 e “Espelhos de África na Obra Narrativa de Mário Cláudio: os casos de *Tocata para Dois Clarins* e *Peregrinação de Barnabé das Índias*”, in *Portugal-África: Mitos e Realidades Artísticas e Vivenciais*, coord. Carla Sofia Luís, Alexandre Costa Luís, Cristina Vieira, Domingos Nzau e José Manso, Covilhã, Universidade da Beira Interior, (com o apoio da FCT), 2012, pp. 27-51, “Um Breve Olhar Sobre a Vida e Obra de Mário Cláudio”, in *A Dinâmica dos Olhares. Um Balanço de um Século de Literatura e de Cultura em Portugal (1912-2012)*, Lisboa, CLEPUL (entregue para publicação), bem como a entrevista a Mário Cláudio, em parceria com Annabela Rita e Miguel Real, *Revista Letras com Vida*, Lisboa, CLEPUL (entregue para publicação).

TEMA 2.1. A ESCRITA DE JOSÉ LEÓN MACHADO: O CASO DAS OBRAS MEMÓRIA DAS ESTRELAS SEM BRILHO E A VENDEDORA DE CUPIDOS.

CARLA SOFIA XAVIER, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR E LabCom.IFP da UBI, cxavier@ubi.pt

RESUMO

José Leon Machado nasceu a 25 de novembro de 1965 em Braga. Cedo se interessou pela leitura, que nem sempre era de fácil acesso, acontecendo entre um livro emprestado, outro requisitado na biblioteca, outro ainda comprado às escondidas com o dinheiro destinado às viagens de autocarro. Ao tornar-se frequentador assíduo da biblioteca da escola, no 9.º ano, ia alimentando o seu gosto pela leitura, especialmente pelos autores clássicos portugueses.

Estreou-se nas lides da escrita ainda de tenra idade, algures entre os poemas de amor dedicados a algumas paixonetas da adolescência e a redação, a pedido do professor de português de então, do seu primeiro diário, que debuxou, com entusiasmo, num caderno de capa vermelha. E não mais parou de escrever.

De construtor de “casinhas de pedra e caco”, na sua infância, a construtor de obras literárias de apreciável mérito foi um passo, não isento, porém, de muita dedicação, de apurado labor, de cuidada investigação e também de alguma dose de inspiração, que busca constantemente nas vivências do dia a dia, nas inúmeras viagens que vai realizando, enfim, no mundo circundante.

Desde a publicação do seu primeiro livro em 1995, *A Sombra Sorridente*, até ao seu mais recente romance que deu à estampa em 2014, *A Porca*, tem vindo a construir uma vasta e premiada obra, digna de estudo, que vai desde o romance, ao conto, à novela, ao teatro, à poesia, à literatura infantil, à crónica e à autobiografia.



Com efeito, além de alguns trabalhos académicos produzidos em torno da sua obra, é ainda de salientar a tradução para a língua inglesa do romance *Memória das Estrelas sem Brilho, Darkening Stars - A novel of the Great War*, por Milton Azevedo e Karen Sherwood Sotelino.

Apresentados, em traços gerais, alguns aspetos atinentes à vida e labor ficcional do escritor em análise, com o presente trabalho procuramos perceber as principais características da escrita de José Leon Machado, com especial enfoque nas singularidades linguísticas mais evidentes, e respetivas consequências, tendo predominantemente por base os romances *Memória das Estrelas sem Brilho* e *A Vendedora de Cupidos*, duas obras de uma trilogia que se completará com a publicação de *Os Heróis do Capim* que aguardamos com elevada expectativa.

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO GALIZA 2012, 20º E 22º EM SEIA 2013 E 2014

8. CAROLINA CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA E UNIVERSIDADE DO PORTO



CAROLINA CONSTÂNCIA – ANA CAROLINA CONSTÂNCIA – Nasceu em Ponta Delgada, a 24 de abril de 1993.

Desde os seis anos de idade que estuda Violino no Conservatório Regional de Ponta Delgada, iniciando os estudos com a professora Antonella Pincenna.

No curso básico de violino ingressou na classe da professora Natália Zhilkina, onde concluiu o 8º grau do curso complementar.

Foi selecionada para participar nos três estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música realizados nos Funchal (2009), Ponta Delgada (2010) e Coimbra (2011) e participou em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana, e ainda nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena.

Em abril de 2012 e 2013 participou num estágio de orquestra de jovens na Alemanha (Bayreuth), sob a direção de Nicolas Richer, constituída por jovens músicos de vários países da Europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig. Frequenta a licenciatura em Matemática da Faculdade de Ciências do Porto, mantendo uma prática regular do violino.



BRAGANÇA 2009



GALIZA 2012

TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ EM 2008 NA LAGOA TENDO
SEGUIDAMENTE PARTICIPADO NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2009,
VILA DO PORTO 2011, OURENSE (GALIZA) 2012 E SEIA 2013.

ATUARÁ NOS DOIS RECITAIS.

9. CHRYS CHRYSTELLO, AICL/AGLP – AÇORES/ AUSTRÁLIA



Chrys CHRYSTELLO (n. 1949-) é um cidadão australiano que acredita em multiculturalismo, numa família mesclada de Alemão, Galego-Português e Brasileiro paterno, Português e marrano materno.

Publicou o seu primeiro livro “Crônicas do Quotidiano Inútil” (poesia) em 1972). O exército colonial português levou-o a Timor (1973-75) onde foi Editor-chefe do jornal A Voz de Timor, antes de ir à Austrália adotá-la como pátria. Dedicou-se ao jornalismo (rádio, TV e imprensa) desde 1967 e escreveu sobre o drama de Timor Leste (1975-06).



RIO 2010



MACAU 2011

Desempenhou funções executivas na Eletricidade de Macau (1976-82).

Foi Redator, Apresentador e Produtor para a TDM/RTP (Rádio Macau) e TVB - Hong Kong.

Depois, em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural. Foi Jornalista no Minist^o Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Foi Tradutor e Intérprete no Minist^o da Imigração e no de Saúde (NSW)

Divulgou a descoberta na Austrália da chegada dos Portugueses 1521-25, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português.

Membro Fundador do AUSIT e do júri da NAATI, lecionou tradutologia na Universidade UTS, Sydney, sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa, Australia Council (1999-05).

Foi orador em conferências (Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, Macau.), e foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-12); Revisor da Universidade de Helsínquia; Consultor do Programa REMA da Univ. dos Açores. (2008-12).

Proferiu uma Palestra na Academia Brasileira de Letras em março 2010 com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, organizada pelo então Presidente da ABL, Marcos Vilaça.

Foi admitido (out.^o 2012) como **Académico Correspondente** (Academia Galega AGLP).



GALIZA 2012

É Membro do Conselho Consultivo do MIL.



Organiza desde 2001 os Colóquios da Lusofonia.



MACAU 2011



BRAGANÇA 2008

É Editor dos **CADERNOS (DE ESTUDOS) AÇORIANOS**¹, publicação trimestral da AICL, *online*,

De 2006-13 traduziu obras e excertos de autores açorianos para Inglês, em projetos vários publicados.²

¹ <http://www.lusofonias.net/conteudo/estudos-acorianos/>

² Bibliografia do autor *autor disponível para descarga gratuita*

1. *Crónica do quotidiano inútil vol. 1 (poesia) Porto 1972, ed. do autor (esgotada) - http://worldpubliclibrary.org/Members/eBooksBrasil_Collection/quotidianoinutil.pdf*
2. *Crónica do quotidiano inútil, vol. 2, 1967-1974 (poesia), Díli, Timor Português, abril 1974 ed. do autor (esgotada) - <http://lusofonias.net/images/pdf/cqi%20vol2versao2011.pdf>*
3. *Crónica do quotidiano inútil, vol. 3&4, 1973-81, (poesia), Macau 1982, e-book - <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf>*
4. *Crónicas Austrais - 1978-1998 (monografia) – 1ª ed 2000, 2ª ed 2012. E-book –*
5. <http://www.ebooksbrasil.org/hiebook/cronicasCA.kml>
6. *Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) ISBN 10: 972-8305-75-3 / 9728305753 /ISBN 13/EAN: 9789728305758*
7. *Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, 2ª ed. 2000 e-book www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf*
8. *East Timor - The Secret Files 1973-1975, 2ª ed. 2000, 3ª ed. 2012 e-book - <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>*
9. *Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter DVD-livro, 1ª ed. 2005 ISBN: 978-989-95641-9-0/ ISBN: 978-989-95641-9-0 ed dos Colóquios Anuais da Lusofonia - www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf -*
10. *Cancioneiro Transmontano 2005, ed. Santa Casa da Misericórdia de Bragança, (amostra) <http://ebookbrowse.com/cancioneiro-transmontano-2005-pdf-d74440456>*
11. *Timor-Leste: 1973-1975 - O Dossier Secreto - 3ª Ed. 2012 e-book - <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>*
12. *Crónica Açores: uma circum-navegação, (vol 1), 2009 ISBN 989-8123-12-1 – /2ª ed 2010 e-book online em: - <https://www.scribd.com/doc/39955110/chronicacores-uma-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores-volume-um-da-trilogia>*
13. *Crónica Açores: uma circum-navegação, (vol. 2) 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed Calendário de Letras*
14. *Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) 1ª ed 2012 e-book <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf>*



TEMA 2.4 O HISTORIAL DA AICL PARA A AUDIÊNCIA DA UBI

Curta resenha dos sonhos, ambições e concretizações dos últimos 22 colóquios para uma audiência na UBI que nunca ouviu falar deles nem deles participou

TEMA 3.1 - AÇORIANIDADES - EU CANTO DOS AÇORES OS POEMAS

Acolho como premissa o conceito de *açorianidade* formulado por **José Martins Garcia** que, «por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura», admite a existência de uma literatura açoriana «enquanto superestrutura emanada dum habitat, dum vivência e dum mundividência»³.

Evoco Octávio Paz acerca da leitura de poemas:

“O poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um novo leitor” (PAZ, 1982, p. 234⁴)

ou então o que escreveu Eduardo Bettencourt Pinto no posfácio de *Nove rumores do mar*:

“Constitui uma chamada de atenção para as coisas do espírito, uma pausa nos desertos quotidianos, o olhar que repara e vê o Outro e nele o espelho de si mesmo. Porque a poesia apela ao esforço comum num círculo de mãos dadas, enredando a ilha que cada um é testemunha,

15. Trilogia da História de Timor 3 volumes (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975., Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) <https://meocloud.pt/link/Of421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>

16. *Crónica do Quotidiano Inútil 2012 poesia, 40 anos de vida literária (obras completas) ed Calendário Letras*

³ http://lusofonia.com.sapo.pt/acoresh/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11

⁴ PAZ, O. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

instante a instante, em todos os recantos do mundo. Porque só através da Arte a voz do Ser não cessa, se torna em húmus e deserto noturno (PINTO, 2000, p. 162⁵).

A apresentação que se segue percorre excertos aleatórios de uma seleção de poetas que os colóquios da lusofonia têm vindo a privilegiar nos seus convites e nas antologias que já publicaram. É na voz destes 25 autores e autoras que vos lego esta minha interpretação da sua açorianidade.

SÓCIO FUNDADOR DA AICL E AGLP. PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL.

MODERA SESSÕES - INTERVÉM NAS SESSÕES DE POESIA



SEIA 2014

⁵ PINTO, E. B. (Org.) Posfácio a Nove rumores do mar. Antologia de poesia açoriana contemporânea. Lisboa: Instituto Camões, 2000.



10. CONCHA ROUSIA, AGLP/AICL, GALIZA



LAGOA 2009

PDL 2013

CONCHA ROUSIA (CONCHA Rodríguez PÉREZ),

Nascida no sul da Galiza (Os Brancos, Galiza)

Psicoterapeuta e escritora.

Vice-secretária da Academia Galega da Língua Portuguesa e cofundadora da mesma em 2008.

Membro fundador da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Membro da Associação Galega da Língua desde 2004.

Presidente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil-Galiza

Membro da Junta Diretiva da Ordem dos Psicólogos da Galiza, e Coordenadora da Comissão Cultural, desde onde, entre outras atividades criou o Prémio Literário 'Rosa de Cem folhas' que vai pela sua quarta edição.



GRUTA DE CAMÕES MACAU 2011

PUBLICAÇÕES:

- **Nântia e a Cabrita d'Ouro**, Romance publicado em 2012, Através editora, Santiago de Compostela, Galiza.
- **As Sete Fontes**, Romance publicado em 2005, formato e-book pela editora digital portuguesa ArcosOnline (www.arcosonline.com), Arcos de Valdevez, Portugal.
- **"Dez x Dez"** 2006, Antologia poética, Abrente Editora (Galiza).



- **“Cem Vaga-lumes”** Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames, ano 2006.
- **Herança**, Conto publicado em 2007 em *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba, Brasil.
- **Primeira Antologia do Momento Lítero Cultural**, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.
- **Nas Águas do Verso**. Antologia. 2008, Porto, Portugal.
- **Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado**. 2008, Gráficas Juvia.
- **Poeta, Mostra a tua Cara**. Antologia. 2008, Rio Grande do Sul, Brasil.
- **Mulheres**. Antologia poética. 2011, Mulheres Feministas do Condado, Galiza.
- **IV Antologia de poesia lusófona**. 2012. Folheto, Leiria, Portugal.
- Volume 7 da Coleção **“Poesia do Brasil”**, correspondente ao XV Congresso Brasileiro de Poesia, que se celebra em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.
- **Escrever nas Margens**. Antologia poética. 2014, 28 Festival da Poesia do Condado. SCD Condado, Galiza.
- **150 poemas para Rosalia**. Antologia poética. 2015, Galiza.
- Tem publicado **poemas, contos, crónicas, e outros textos** em diversas revistas galegas como Agália ou A Folha da Fouce; e em jornais como o Novas da Galiza, Galicia Hoxe, A Nosa Terra, Portal Galego da Língua, Vieiros, e em brasileiras como Momento Lítero Cultural, e na Revista portuguesa InComunidade.
- **Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita**, Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.
- **Um dia**, Publicado em A Nossa Terra; 2006. Uma análise da violência de género.
- **Mudança de Narrativa Linguística**, Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa 2008.
- **Mudança de Narrativa Linguística I: análise de discursos**, Coloquios da Lusofonia, 2010

Prémios

- Prémio de Narrativa do Concelho de **Marim**, 2004, Galiza.
- Prémio de poesia do Concelho **Ames**, 2005, Galiza.
- Ganhadora do **Certame Literário Feminista do Condado**, 2006, Galiza. Com o romance “A Língua de Joana C”
- Administradora do blog ‘República da Rousia’: republicadarousia.blogspot.com
Em março de 2010 fez parte da Comitativa Oficial do 13º colóquio da lusofonia, à Academia Brasileira de Letras, onde proferiu uma palestra sobre a participação da Galiza nos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa.
Em 2011 fez parte da Comitativa Oficial do 15º Colóquio a Macau.
Foi nomeada Patrona da AICL no 16º Colóquio, Out.º 2011.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.



PRESENTE NOS COLÓQUIOS DESDE LAGOA 2008, BRAGANÇA E LAGOA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, SEIA 2013.

TOMA PARTE NA SESSÃO DAS ACADEMIAS E NA SESSÃO DE POESIA

APRESENTA TEMA 2.7. LÍNGUA MATERNA E PSICOTERAPIA, CONCHA ROUSIA, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA

A língua é um recurso de comunicação e não só com um grande poder nos processos de tratamento psicológico. A psicoterapia é com grande diferença mais efetiva, até duas vezes mais segundo a maioria dos estudos realizados sobre o tema, quando esta é levada a cabo usando a língua materna da pessoa em tratamento psicológico.

Por tanto a língua na que se realizam os tratamentos psicoterapêuticos é uma variável essencial do tratamento; e mais ainda no mundo atual tendente a famílias multilingues.

O bilinguismo, tanto de indivíduos quanto de famílias é uma realidade a cada vez mais comum e mais estendida, e é portanto uma realidade que o profissional da psicoterapia não pode ignorar. Porém este fato não tem aumentado muito o interesse nem a atenção dos profissionais da psicoterapia. Mas sendo conscientes da importância da aquisição da linguagem para o desenvolvimento da identidade das pessoas, o psicoterapeuta deveria entender os diferentes tipos de bilinguismo e como estes podem afetar ao processo terapêutico.

Devemos tomar em grande consideração a carga emocional associada com o uso da língua materna e com o uso das línguas adquiridas com posterioridade. É

importante considerar a mudança de língua no curso do tratamento como uma ferramenta terapêutica.



LAGOA 2012

VILA DO PORTO, SANTA MARIA 2011





**11. D'SILVAS FILHO, AICL/COLABORADOR DO CIBERDÚVIDAS
ASSISTENTE PRESENCIAL**



SEIA 2013

PARTICIPOU COMO PRESENCIAL EM 2002 (PORTO), 2003 E 2007 (BRAGANÇA).

SEIA 2013.



**12. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA, ACADEMIA BRASILEIRA DE
LETRAS (ABL) / AICL, PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007 -**



SANTA MARIA 2011



GALIZA 2012

EVANILDO CAVALCANTE BECHARA nasceu no Recife, a 26 de fevereiro de 1928. Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. Evanildo Cavalcante Bechara nasceu no Recife (PE), em 26 de fevereiro de 1928.

Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô.

Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949.

Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos.



Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos.



BRAGANÇA 2007



LAGOA 2012

Aos dezassete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de Intonação, publicado em 1948, com prefácio do filólogo Lindolfo Gomes.

Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas. Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961-62, com bolsa do Governo espanhol.

Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964.



MAIA 2013



SEIA 2014

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).

Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa. É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.



SEIA 2013

Foi Diretor Tesoureiro da Instituição (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005). Criou a Coleção Antônio de Moraes Silva, para publicação de estudos de



língua portuguesa, e é membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.

Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor da revista *Littera* (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista *Confluência* (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados.

Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973.

Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de livre Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978.



LAGOA 2009

Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974-80 e de 84-88; Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro 1965-75; Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977; Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984; Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984; Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.



MACAU 2011

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro. Membro da Société de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil. Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.



Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005.



BRAGANÇA 2007

A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete. Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação.

Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

- A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954),
- O Futuro em Românico (1962),
- A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964),
- A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964),
- Os Estudos sobre Os Lusíadas de José M^a Rodrigues (1980),

- As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna Gramática Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss. *É professor da UERJ e da UFF, membro da ABL*

Foi nomeado ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. É PATRONO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA DESDE 2007.

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2007, 2008, 2009 LAGOA 2008, 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, MOINHOS E SEIA 2014



HONG KONG 2011

OURENSE, GALIZA 2012



13. FÁTIMA MADRUGA, MÉDICA NO HOSPITAL DE VILA NOVA DE GAIA – ASSISTENTE PRESENCIAL CONVIDADA



SANTA MARIA



MOINHOS

TOMOU PARTE NO 16º EM VILA DO PORTO, SANTA MARIA E NO 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO

14. FRANCISCO MADRUGA, DIRETOR. EDITORA CALENDÁRIO DAS LETRAS WWW.CALENDARIO.PT,/AICL, ASSISTENTE PRESENCIAL



PDL 2013

FRANCISCO FERNANDES MADRUGA, nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos, foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho.



MACAU 2011

FLORIPA 2010



Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal *Norte Popular* e foi colaborador permanente do jornal *A Voz do Nordeste*. Teve colaboração regular nos Jornais *Nordeste*, *Mensageiro de Bragança* e *Informativo*. Editou em colaboração com a Revista *BITÓRÓ* a Antologia *Novos Tempos Velhas Culturas*. Foi fundador do Fórum *Terras de Mogadouro* e responsável pela respetiva revista.

Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos. Foi Fundador da *Calendário de Letras*, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional. Convidado no colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau.

A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, Lucília Roxo, etc.).

É o editor da Antologia (monolíngue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, da sua versão bilingue (Português-Ingês) e da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia *9 ilhas, 9 escritoras*. Editou TAMBÉM os dois últimos volumes de J. Chrys Chrystello "CRÓNICA DO QUOTIDIANO INÚTIL" (obras completas, volumes 1 a 5) - 40 anos de vida literária (2012) e *Crónica Açores: uma circum-navegação* - vol. 2 (2011)

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA E BRAGANÇA 2009, BRASIL E BRAGANÇA 2010, MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013, MOINHOS 2014, SEIA 2014.



GALIZA 2012

MAIA 2013

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. /PRESIDE AO CONSELHO FISCAL

15. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & AICL



PDL 2013



HELENA CHRYSTELLO, Vice-presidente da direção, membro dos comités científico e executivo dos colóquios desde o primeiro colóquio da lusofonia, preside ao secretariado e é moderadora de sessões.

Helena Chrystello tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso pela Universidade Aberta;

Tem o curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse – Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional – Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional.

Lecionou, desde 1976/1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP – Prova de Aptidão Profissional).



SEIA 2014

Foi professora assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002/2005) e supervisora de estágios.

Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e

técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986/1988).

Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais (Espanha, Canadá, Brasil e Macau), com trabalhos publicados em atas e revistas científicas da especialidade. É Membro da ACT/CATS 'Association Canadienne de Traductologie' e da SLP (Sociedade de Língua Portuguesa).

Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) de 2007 a 2009 e do 1º Prémio Literário AICL Açorianidade 2013 – JUDITE JORGE.

Coautora com a Professora Doutora M^a Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia De (17) Autores Açorianos Contemporâneos incluída no Plano Regional de Leitura e cuja edição bilingue (PT-EN) de 15 autores, foi lançada no 16º colóquio.

Lançou no 19º colóquio (2013) a edição monolíngue da Antologia em dois volumes. No 21º lançou a Coletânea de Autores Dramáticos Açorianos e a Antologia no feminino “9 ilhas, 9 escritoras”

Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente.



MOINHOS, PORTO FORMOSO 2014



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

É VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO.

TOMOU PARTE EM TODOS OS 23 COLÓQUIOS.

LIDERA O SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

MODERA SESSÕES



MAIA 2013



VILA DO PORTO, SANTA MARIA 2011



(EM GOUVEIA NA BIBLIOTECA VERGILIANA, NA CADEIRA DE VERGÍLIO FERREIRA)



2014



16. HENRIQUE CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA



HENRIQUE ANDRADE CONSTÂNCIA - Nasceu em Ponta Delgada, a 28 de julho de 1997. Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada, em Violino e Percussão. Aos 10 anos iniciou o estudo do Violoncelo e frequenta presentemente o 7º grau do curso de violoncelo, em regime articulado, na classe da professora Teresa Carvalho.





Foi selecionado para participar no X e XI estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música, realizados em Coimbra (2011) e Aveiro (2012) e participou, também, nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena e em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana.

Frequentou o curso de verão Musicaldas 2011, orientado pela violoncelista Teresa Valente Pereira.

Em abril de 2012, 2013 e 2014, frequentou um estágio de orquestra em Bayreuth (Alemanha), constituída por jovens músicos de vários países da Europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig.

Em 2013 e 2014 atuou em dezenas de concertos, nomeadamente no acompanhamento de iniciativas da Viola da Terra



JÁ TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM VILA DO PORTO EM 2011. EM 2012, NO LANÇAMENTO DO CRÓNICA AÇORES VOL 2. NA MAIA E RIBEIRA GRANDE, EM 2013 NO 19º COLÓQUIO NA MAIA E NO 20º EM SEIA.

ATUARÁ NOS DOIS RECITAIS.

17. JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, ENTA – INOVA (Esc. de Novas Tecnologias/ Instº Inovação Tecnológica dos Açores), ASSESSOR TÉCNICO DOS COLÓQUIOS SONOPLASTIA E LUMINOTECNIA



BRAGANÇA 2009 (COM 13 ANOS)



BRAGANÇA 2009



Rio 2010



FLORIPA 2010 -



MACAU 2011



VILA DO PORTO 2011



LAGOA 2012



MAIA 2013



MAIA 2013

JOÃO Costa Simões CHRYSTELLO (n. 1996)



Membro supranumerário dos Colóquios.

Frequenta ENTA – INOVA (Esc. de Novas Tecnologias/ Inst^o Inovação Tecnológica dos Açores).

Desde 2008 em Bragança tem-se mostrado um excelente assessor técnico, responsável – entre outras atividades - pela gravação e verificação das Atas/Anais em CD/DVD e milhentas pequenas coisas invisíveis que ele consegue por a funcionar, nas áreas tecnológicas (desde conversão de obscuros tipos de ficheiros e programas ao roaming dos telemóveis/celulares).

Desde então desempenha funções de sonoplasta e luminotécnico, além de prestar um inestimável apoio informático a todos os oradores, às sessões culturais paralelas e à organização dos colóquios.

A ele se devem cartazes, ilustrações, capas, gravações dos CD/DVD e grande parte dos filmes e vídeos de homenagem aos autores açorianos.

[VEJA AQUI A ANIMAÇÃO PRODUZIDA EM 2011 PELO JOÃO PARA A APRESENTAÇÃO DA AICL](#)

[PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO](#)

[PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2008, LAGOA 2009, BRAGANÇA 2009, BRASIL 2010, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013, MOINHOS 2014.](#)

[APENAS FALTOU NA GALIZA 2012 E SEIA 2014](#)



SEIA 2013



MOINHOS 2014



18. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA (ACL) / AICL, PATRONO DESDE 2007



MACAU 2011

JOÃO MALACA CASTELEIRO licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa.

É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado. Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Tem coordenado e colaborado em diversos projetos de

investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.



MAIA 2013

É professor convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras. É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e foi até 2009 presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia. Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de mestrado.

Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986.



LAGOA 2012

A sua bibliografia, iniciada com a tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia. Editou obras como *A Língua e a Sua Estrutura*, *A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber*, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, *A Língua Portuguesa em África* e *A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade*.

Foi o coordenador do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* e o responsável pela versão portuguesa do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Tem participado em congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

Assumiu funções institucionais:

Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou Presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991. Assumiu também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como *Português Fundamental*, *Estruturas Lexo-*

Gramaticais do Português Contemporâneo, o *Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo* ou o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*.

Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Universidade de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento.

Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos.



SEIA 2013



MOINHOS 2014



O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998.

A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

É patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007 e um convicto defensor do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou.

Foi nomeado ACADÉMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.



MAIA 2013

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. PRESIDE À ASSEMBLEIA-GERAL.

TOMOU PARTE EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE 2007 EM BRAGANÇA.
INTERVÉM NA SESSÃO DAS ACADEMIAS

19. JOÃO MARINHO DOS SANTOS, UNIVERSIDADE DE COIMBRA



João Marinho dos Santos é Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Foi Coordenador Científico do Centro de História da Sociedade e da Cultura, Diretor do Instituto de História da Expansão Ultramarina, Delegado da Secretaria de Estado da Cultura para a Região Centro e Auditor do Instituto de Defesa Nacional.

É Académico de Mérito da Academia Portuguesa da História, Membro Efetivo (Classe de História Marítima) da Academia de Marinha e Fundador da Associação de História Económica e Social.

Em 2008, foi galardoado com o Prémio Calouste Gulbenkian – “História da Presença de Portugal no Mundo”, atribuído à obra *Santa Cruz do Cabo de Gue d’Agoa de Narba. Estudo e Crónica*.



Com investigação, predominantemente, nas áreas da História dos Descobrimentos e da Expansão, da História Regional e da Cultura Portuguesa, publicou, entre outros estudos:

- *Os Açores nos Séculos XV e XVI* (2 vols.);
- *O Concelho de Almeida – Esboço Histórico-Sociológico*;
- *Estudos sobre os Descobrimentos e a Expansão Portuguesa* (2 vols.);
- *Goa. Portugal e o Oriente: História e Memória* (coord. com José Manuel Azevedo e Silva);
- *A Guerra e as Guerras na Expansão Portuguesa; A Historiografia dos Descobrimentos* (em col.);
- *Malaca. Portugal e o Oriente: História e Memória* (coord. com José Manuel Azevedo e Silva);
- *Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas – Almeida; Notícias e Memórias Paroquiais Setecentistas – Castelo Branco*;
- *Pobreza e Cultura no Concelho de Almeida* (2 vols.);
- *Os Portugueses em Viagem pelo Mundo. Representações Quinhentistas de Cidades e Vilas*;
- *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e de seus Filhos na Índia* (em col.); *Vasco da Gama – A Honra, o Proveito, a Fama e a Glória* (em col.);
- *Santa Cruz do Cabo de Gue d’Agoa de Narba – Estudo e Crónica*, edição bilingue Português/Árabe (em col.);
- *Sarzedas – Vila Condal; Sarzedas nos Forais de 1212 e 1512*.

[TEMA 2.9. CRISES DO IMPÉRIO PORTUGUÊS NA ÉPOCA MODERNA, JOÃO MARINHO DOS SANTOS, PROFESSOR CATEDRÁTICO JUBILADO DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIV. DE COIMBRA E INVESTIGADOR DO CENTRO DE HISTÓRIA DA SOCIEDADE E DA CULTURA. \[uc3928@fl.uc.pt\]\(mailto:uc3928@fl.uc.pt\)](#)

RESUMO

Considerando as diversas potencialidades e a enorme riqueza posta efetivamente à disposição dos portugueses ao longo da sua história (mesmo a mais recente) e considerando os resultados obtidos em termos de crescimento económico e desenvolvimento sociocultural, quase apetece afirmar que Portugal viveu sempre em crise. Claro está que esta apreciação, estrutural e de longuíssima duração (iremos circunscrevê-la, porém, à época moderna) é generalista e pode resvalar para a caricaturização, mas tal é admissível e compreensível se quisermos representar a realidade a traços grossos. Ela própria, a apreciação, se contradiz, porque Portugal tem conseguido, pelo menos, sobreviver.

Ressalta, ainda, desta rememoração e reconstituição do passado que muitos dos nossos problemas coletivos têm sido ancestrais e pouco mutáveis. Não faltaram, porém, alvites ou sugestões de influentes e notáveis (alguns deles vindo Portugal do exterior) para os procurar resolver de modo a debelar crises, por vezes de carácter duradouro e profundo.

[PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ](#)



20. JOSÉ BARBOSA MACHADO, UTAD, VILA REAL



JOSÉ BARBOSA MACHADO

nasceu em 1965 em Braga. Licenciou-se em Humanidades pela Faculdade de Filosofia de Braga em 1992; fez mestrado em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas na Universidade do Minho em 1997; fez o doutoramento em Linguística Portuguesa na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 2002; apresentou provas de agregação em 2009, também na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Atualmente é Professor Auxiliar com Agregação do Departamento de Letras, Artes e Comunicação da mesma universidade. Publicou, entre outras, as seguintes obras: *Tratado de Confissom – Edição Semidiplomática, Estudo Histórico e Informático Linguístico* (2003); *Introdução à História da Língua e Cultura Portuguesas* (2009); *Estudos de Língua Portuguesa* (2012).

jleon@utad.pt>

[TEMA 2.2 DICIONÁRIO DOS PRIMEIROS LIVROS IMPRESSOS EM LÍNGUA PORTUGUESA \(1488-1499\), JOSÉ BARBOSA MACHADO, UNIVERSIDADE DA DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO, DLAC, JLEON@UTAD.PT](#)

Resumo

A imprensa, que entrou em Portugal no reinado de D. João II, teve um papel fundamental na divulgação de textos e no desenvolvimento e maturidade da Língua Portuguesa escrita.

A Língua Portuguesa deste período apresenta alguma estabilidade linguística, sobretudo no âmbito morfológico e sintático, face à instabilidade dos séculos anteriores. A instabilidade gráfica mantém-se, como facilmente se depreende pela profusão de formas de uma mesma palavra em obras da época. A estabilidade morfológica e sintática permitirá que no século seguinte sejam redigidas obras como *Os Lusíadas* de Camões, *Crónica do Felicíssimo Rei D. Manuel* de Góis e *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

O *Dicionário dos Primeiros Livros Impressos em Língua Portuguesa* é um projeto em elaboração e tem como *corpus* as seguintes obras impressas entre 1488 e 1499 em língua portuguesa: *Sumário das Graças* (1488); *Sacramental* (1488); *Tratado de Confissom* (1489); *Vita Christi* (1495); *História do Mui Nobre Vespasiano Imperador de Roma* (1496); *Constituições de D. Diogo de Sousa* (1497); *Evangelhos e Epístolas com suas Exposições em Romance* (1497); *Regimento Proveitoso Contra a Pestenença* (c. 1495-1499).

[PARTICIPOU EM 2007 NO 8º COLÓQUIO EM BRAGANÇA](#)



21. JOSÉ MANUEL BARBOSA ALVARES, AGAL/AGLP, GALIZA



JOSÉ MANUEL BARBOSA ÁLVARES, nasceu em 1963 em Ourense (Galiza) e é Professor de Educação Física

Diplomado em Professorado de Ensino Geral Básico pela Escola Universitária de Formação do Professorado de Ensino Geral Básico da Universidade de Santiago de Compostela, especialidade em Ciências Humanas no ano 1984.

Outros estudos: *História na UNED* (Universidad Nacional de Enseñanza a Distancia)

Trabalha na Conselhoria de Educação da Junta da Galiza dentro do Ensino Público Primário desde 1992 até o dia de hoje.

Particpei em Cursos, congressos, auditions, seminários fazendo parte da AGAL (Associação Galega da Língua). Sócio da AGAL desde 1984 da qual fez parte do seu Conselho várias vezes; ex-membro do Conselho Consultivo do MIL (Movimento Internacional Lusófono); Sócio da Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa; Membro de Número da AGLP, Patrão da Fundação da AGLP; Sócio

fundador e ex-diretor Administrativo do IGEC (Instituto Galego de Estudos Célticos e poeta integrante do Clube dos Poetas Vivos.



Publicou poemas na Revista AGÁLIA, livros de poemas coletivos, artigos de opinião no Jornal La Región de Ourense, na Revista AGÁLIA e no Portal Galego da Língua. Tem publicado vários livros:

- “Curso práctico de Galego”. Ed. AGAL 1999
- “Ámago/Mágoa” Ed. Baía. Em parceria com Roi Brás. 2002
- “Bandeiras da Galiza”. Ed. AGAL. 2006/
- “Atlas Histórico da Galiza” Ed. Edições da Galiza. Polifonia. 2008
- “Bandeiras da Galiza” 2ª edição. Através Editora. 2011
- 18 (Dezoito) livro coletivo: “Maria de Velhe” (pág. 23-34). 2011
- Além do Silêncio. Livro Coletivo: (pág. 30). 2014



Publicou igualmente alguns contos na Revista AGÁLIA assim como estudos e resenhas nessa Revista e, no Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa. É editor e gestor do blogue despertadoteusono.blogspot.com onde tem publicado artigos de opinião, organizado roteiros culturais por diversas cidades da Galiza e de Portugal, feito video-entrevistas reivindicativas do património galego, da História da Galiza e a personagens significativos da vida galego-portuguesa que colaboram com a nossa cultura e a nossa língua.

⋮

TEMA 2.1. ALGUMAS NOTAS SOBRE A ETIMOLOGIA DE OURENSE. J. M. BARBOSA, AGAL/AGLP

RESUMO:

O presente trabalho tenta demonstrar a origem etimológica do nome da cidade de Ourense tendo em conta elementos epigráficos de época romana assim como textos escritos de autores clássicos. O estudo perscruta em épocas anteriores às reconhecidas pela historiografia oficial, pois penetra nas fontes romanas dos primeiros séculos da nossa era onde se diz que não existem referências escritas sobre a cidade das Burgas. Também se faz estudo de alguns autores de época germânica localizando o nome da cidade em alguns textos não considerados nem identificados como referidos à velha Auria.

ESTEVE PRESENTE NO 8º COLÓQUIO, BRAGANÇA 2007, 12º BRAGANÇA 2009, 18º NA GALIZA 2012

22. JOSÉ ROSA, UBI



JOSÉ MARIA SILVA ROSA: licenciado em Filosofia (1993); mestrado (1997) e doutoramento (2005) em Filos. Medieval na Univ. Católica Portuguesa (Lisboa). Frequentou Teologia na Católica, e Direito na UL. De 1993 a 2002, foi docente na Católica: Filosofia, Teologia, de Ciências Religiosas, de Ciências da Comunicação e de Serviço Social.

Atualmente é Professor Auxiliar na UBI.

Os seus principais interesses académicos situam-se no domínio do Pensamento Antigo, Bíblico, Patrístico e Medieval — Santo Agostinho -, da Fenomenologia francesa, História e Filosofia da Religião e Teologia Política.

TEMA 2.4. LÍNGUA PORTUGUESA, SER EM DIÁSPORA UM MODO DE ESTAR PORTUGUÊS.: JOSÉ MARIA SILVA ROSA, UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

Afirma o Pe. António Vieira, nos *Escritos sobre os Judeus* (cf. Yosef Ayim Yerushalmi, «Les dernières Marranes: le temps, la peur, la mémoire», in



Marranes, Paris, Éditions de la Différence, 1992, pp. 17-44, um dos maiores conhecedores do marranismo peninsular e da 'dispersão' judaica) que, mercê da Diáspora dos judeus e das Descobertas, intimamente ligadas, a língua portuguesa se tornara, no séc. XVII, a «língua franca» dos negócios em todas as praças do mundo. E conclui: «os portugueses e os judeus já são sinónimos». Para os defensores coevos 'del sangre limpio' esta constatação era intolerável, recrudescendo a perseguição também contra o diaspórico Jesuíta. Mas Vieira sabia, de um saber de experiência feito, aquilo de que falava.

É com toda a razão que Pessoa o exalta como «Imperador da Língua Portuguesa». Na senda de outros «crisóstomos», v.g., Santo Agostinho, o Pe. António Vieira dedicou toda a sua vida à palavra dita e escrita. Nele, a língua portuguesa é como uma seara acariciada pelo vento. Vieira sabia muito bem, e nós hoje por outras razões também o sabemos, que um Império é uma Língua. E sem a «língua geral» de 1757 é certo que o «Brasil» nunca teria existido. Defendemos, pois, que tanto na cartografia como na língua, 'ser' português é 'estar' em Diáspora. Em grego, «*diasporá*» significa «dispersão», também no sentido da prodigalidade do sementeiro que lança sementes à terra e ao vento para colher com abundância («speirô», «diaspeirô», «spôros», semear, disseminar, campo semeado), como aqueloutro judeu dissera: «se o grão de trigo não morrer não poderá dar fruto». Sejam, pois, também os nossos *logoi spermatikoi* sementes nómadas que germinarão a seu tempo, já que de pasto em pasto vamos todos a caminho de uma terra que nunca vimos.

[PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ](#)

**23. LUCIANO JOSÉ BAPTISTA DOS SANTOS PEREIRA, PROFESSOR
COORDENADOR, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO
POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL/AICL**



BRAGANÇA 2010

MOINHOS 2014

LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA,

luciano.pereira@ese.ips.pt,

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês);

Mestre em Literaturas Medievais Comparadas;

Doutor em Línguas e Literaturas Românicas

Provas Públicas para Professor Coordenador

1. Comunicações e artigos:

- *L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues*
- *As cores da língua portuguesa como expressão de cultura*
- *A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes*
- *Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.*
- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*



- *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*



MAIA 2013

- O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa
- O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular
- Os contributos mitríacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional
- A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcân

2. Ensaios:

- *O universo do imaginário*
- *Os bestiários franceses do Século XII*
- *O bestiário e os contos tradicionais portugueses*
- *A fábula em Portugal*

3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):

- *A cidade*
- *O mundo das línguas*



FLORIPA 2010

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
- Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986/2010)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990/1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995/1996)
- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002/2005 e 2010)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)



- Coordenador do núcleo do CAPLE da ESE do IPS (2006-2015)

Presidente do Júri da Prova de ingresso para os estudantes com mais de 21 anos nos cursos da ESE Setúbal (2014/2015)



FLORIPA 2010

TEMA 3.1.1. A BÉLGICA NA POESIA DE VITORINO NEMÉSIO

Em 1934, após ter frequentado a Universidade de Coimbra e ter concluído a sua licenciatura na Universidade de Letras de Lisboa, onde iniciou a sua carreira académica na faculdade de Letras de Lisboa, enquanto docente de Literatura Italiana e, mais tarde, de ter acumulado com o ensino da Literatura Espanhola; Nemésio parte para a Universidade de Montpellier, onde permanecerá dois anos como responsável pelo curso de Língua e Literatura Portuguesa.

A sua identificação com a língua e a cultura francesa foi tão profunda que, em 1935, publica *La Voyelle Promise*, conjunto de 32 poemas em que,

inesperadamente, afirma uma poesia profundamente dolorosa, espontânea e brutal. Em 1936, concorre a Professor Auxiliar da Faculdade de Letras de Lisboa, com um trabalho sobre as relações Francesas do Romantismo Português. Publica uma biografia da Rainha Santa, Isabel de Aragão, e deslocar-se-á para Bruxelas, onde lecionará, na Université Libre, enquanto “professor agrée”, durante dois anos.

Em 1952, realiza a sua primeira viagem ao Brasil, que se tornará um destino habitual, realizando o seu antigo sonho de se dedicar, exclusivamente, enquanto romanista, aos estudos brasileiros e onde virá a lecionar em várias Universidades de variados Estados.

Vitorino Nemésio pauta toda a sua produção literária pela atração pelo magnetismo da ilha, pela valorização e pela voz do imaginário popular e pela sedução da distância. O apelo do longínquo, que se torna próximo, ao ponto de fazer parte da sua própria identidade.

As línguas e as culturas conquistadas permitem-lhe desdobrar-se e tornar-se vários. Percorre espaços como viaja no tempo, torna-se trovador numa longínqua memória galega e provençal, celebra a alegria e o salero espanhol, resgata raízes flamengas entranhadas nos ossos, a Holanda lembra-lhe promessas de futuro em épocas de perseguição e de outras vidas, o Brasil permite-lhe recria-se fundindo origens e esperanças, identidades e alteridades, numa luminosidade sempre alegre e festiva.

Com a exceção de um poema outonal que representa o *Square Marie-Luise*, os outros três poemas que representam a Bélgica estão integrados na obra intitulada *Expresso Bruges - Coimbra: Noturno aos canais de Bruges, Ronda de Bruxelas e Genoveva de Brabante*.



A viagem continua com poemas de ecos trovadorescos: um dedicado a Paris, uma bailia no “céu de Espanha”, uma cantiga de amigo que exalta os encantos e a nobreza da Guarda, a *Chegada* anunciada no balbuciar de TôTô Mené, convidando-o a confrontar-se com o seu destino e o *Destino* propriamente dito que o coloca mortos e vivos, frente a frente. Tal como o afirmou, as viagens despertaram-lhe o «*vírus da escrita*».

À semelhança da França provençal, a Bélgica, e mais tarde a Holanda lhe desvendaram o mundo, onde o ilhéu das «ilhas flamengas» foi reconquistando a sua memória coletiva e as suas raízes profundas.

As raízes açorianas não se confundem apenas com o sopro do Espírito Santo, o calor da terra, do basalto, e da lava, mas também com os mistério e os caprichos do mar, com a distância e com as vozes de outros povos, com as suas crenças e as suas lendas...

Tudo isto é os Açores, tudo isto faz parte do ser açoriano: “Na obra de Nemésio, como num búzio, ouvimos a açorianidade.” (Carlos César)

[SÓCIO FUNDADOR DA AICL](#)

[MEMBRO DO CONSELHO FISCAL](#)

[TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002](#)

[INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA](#)



24. MANUEL CÉLIO DA CONCEIÇÃO, UNIVERSIDADE DO ALGARVE



MANUEL CÉLIO CONCEIÇÃO,

Doutor em Linguística. Professor Associado da Universidade do Algarve. Investigador do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.

Chevalier de l'ordre des Arts et des Lettres.

Em 2014/15, leciona na licenciatura as disciplinas de -

- Terminologia, Políticas de Língua e de Comunicação, Língua e Linguística Francesa e no doutoramento a disciplina de Teorias das Ciências da Linguagem

Domínios de investigação: ciências da linguagem, lexicologia e terminologia, multilinguismo e interculturalidade, ensino/aprendizagem de línguas. Exemplo de projetos: terminologia da indústria farmacêutica e da farmacologia clínica; avaliação da qualidade no Ensino de Línguas (www.lanqua.eu); Competências para a empregabilidade na área das humanidades (projetos Tuning e TNP Languages; Motivação para o ensino/ aprendizagem das Línguas (www.molan.eu); competência multilingue (www.magicc.eu); migração e multilinguismo (www.mime-project.org)

Vice-presidente do European Council for Languages/Conseil Européen pour les Langues (www.elccl.org), Vice-presidente da Rede Lexicologie,



Terminologie et Traduction (www.lt.auf.org), Membro da Comissão científica da rede panlatina de Terminologia.

TEMA 2.2.- LÍNGUA PORTUGUESA E CIÊNCIA: QUE COMPROMISSOS? MANUEL CÉLIO CONCEIÇÃO - FCHS – UNIVERSIDADE DO ALGARVE E CLUNL – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

No atual contexto da economia linguística, circula o pressuposto erróneo, e as respetivas práticas consequentes, de que as línguas têm estatutos diferenciados em função, entre outros, da sua presença na sociedade e, em particular, da relação com a ciência. Refutamos esta diferenciação, criadora de hierarquias discricionárias que alimentam jogos de poder com implicação nas relações socioculturais e políticas entre as comunidades e entre os falantes.

Salientada a quebra do princípio da territorialidade da língua portuguesa em favor da virtualização dos seus usos e dadas as concepções atuais de língua e as suas relações com a ciência, no sentido etimológico, abordamos o imperioso compromisso entre a instrumentalização do português e a necessária capitalização dos saberes que veicula. A comunicação proposta, numa ótica inspirada das teorias da complexidade, pretende contribuir para afirmar a “viragem linguística” do trabalho, do saber e das comunidades. Enfatiza, por isso, o valor da língua portuguesa não só na internacionalização e na ciência mas também no desenvolvimento social e cultural de grande parte dos que a falam e para os quais é um traço identitário inequívoco.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

25. MARIA DA CONCEIÇÃO COUTO MENDONÇA, ESCOLA SECUNDÁRIA DAS LARANJEIRAS, PONTA DELGADA, AÇORES - PRESENCIAL CONVIDADA



PARTICIPOU COMO PRESENCIAL NA LAGOA 2012, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014

26. MARIA DA CONCEIÇÃO CASTELEIRO, AICL LISBOA, PORTUGAL, PRESENCIAL CONVIDADA



É SÓCIO DA AICL.

ACOMPANHA OS COLÓQUIOS DESDE 2010



**27. MARIA ELISA DIAS, ESCOLA SECUNDÁRIA DAS LARANJEIRAS,
APOIO AO SECRETARIADO**



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

28. MARIA LUÍSA TIMÓTEO, KORSANG DI MELAKA / AICL



AGUARDA CONFIRMAÇÃO MÉDICA PARA
ESTAR PRESENTE -

JÁ TOMOU PARTE NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010

29. MARIA NAZARÉ, ASSISTENTE PRESENCIAL CONVIDADA



PARTICIPOU COMO PRESENCIAL EM 2002 (PORTO), 2003 E 2007 (BRAGANÇA), SEIA
2013,

30. MARIA SEOANE DOVIGO, ACADÉMICA DA AGLP/ AICL, GALIZA





M^a Seoane Dovigo nasceu na Corunha, Galiza, em 1972. É licenciada em Filologia Hispânica pela Universidade da Corunha. Realizou os cursos de doutoramento entre 1995 e 1997 no departamento de Filologia Espanhola e Latina da mesma universidade e obteve a suficiência investigadora com um estudo sobre o exórdio nas retóricas espanholas do século XVI.

Foi bolsista de investigação da Junta da Galiza entre 1995 e 2000, anos nos que trabalhou no seu projeto de tese de doutoramento, dedicado à análise do género do prólogo.

Apresentou diferentes trabalhos em congressos sobre literatura renascentista, edição de textos e literatura galega e colaborou em projetos de investigação sobre as fontes documentais para o estudo do teatro na Corunha e a

catalogação de publicações periódicas dos séculos XVI ao XVIII em bibliotecas da Galiza e Portugal.



Desde 2000 reside em Portugal, onde tem exercido funções docentes nas escolas públicas como professora de espanhol/língua estrangeira. Desde 2010 desenvolve a sua atividade cívica pela sua ligação com a Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa, de cuja junta diretiva faz parte desde abril de 2011





Faz parte do Conselho Consultivo do MIL - Movimento Internacional Lusófono e é coordenadora da sua secção galega. É académica correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa desde outubro de 2012 e académica de número desde junho de 2014.



Faz parte do conselho de redação do boletim desta instituição, do que é colaboradora habitual, assim como da revista Nova Águia, com trabalhos de divulgação da literatura e cultura de todo o espaço lusófono.

Começou a divulgar a sua produção literária em 2013, com a participação em diferentes encontros de poetas na Galiza e em Portugal, a participação no volume do coletivo poético galego “A Porta Verde do Sétimo Andar”, *Um feixe de poesia na porta*, e a colaboração na revista *Licungo*, do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora.

[PARTICIPOU NO 19º COLÓQUIO GALIZA 2012 E 21º NOS MOINHOS 2014.](#)

[É SÓCIA DA AICL.](#)

[TOMA PARTE NA SESSÃO DE POESIA](#)

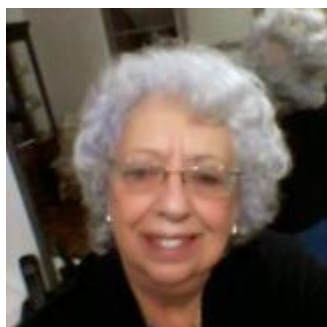
[TEMA, 2.1. O PERFUME DA FLOR SILVESTRE: USO DE NOMES DE LUGAR EM POETAS GALEGOS, IRLANDESES E AFRICANOS” Mª DOVIGO, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA \(MARIA DOVIGO, AGLP\)](#)

Pretendemos fazer uma panorâmica descritiva sobre a presença de nomes de lugar em poetas galegos, irlandeses e africanos de países de língua oficial portuguesa. São todos autores que escrevem desde as margens de grandes sistemas linguísticos e literários, que dão testemunhos de vivências linguísticas não monolíngues e que, em grande medida procuram através do uso dos nomes de lugar da sua geografia original ligações sonoras e não conceptuais com memórias perdidas da coletividade, as identidades que se foram sacrificando para a construção da sua realidade histórica subalterna como povos colonizados.





**31. MARLEY POLETO, INSTITUTO CULTURAL DE PORTO ALEGRE,
RIO GRANDE DO SUL, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL -**



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

**32. MARLIT BECHARA, RIO DE JANEIRO, AICL, BRASIL, ASSISTENTE
PRESENCIAL -**



SANTA MARIA 2011

MAIA 2013



MOINHOS 2014

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PARTICIPA DESDE 2007 NOS COLÓQUIOS

**33. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO, AICL,
PRESENCIAL**



SEIA 2013

NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75).



Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters.

Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*.

As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

www.norberto-avila.eu / www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Ávila
oficinadescrita@gmail.com



MAIA 2013



SEIA 2013



MOINHOS 2014

É SÓCIO AICL.

JÁ TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS 2014, 22º EM SEIA 2014



34. PERPÉTUA DOS SANTOS SILVA, CIES/ISCTE-IUL, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM / AICL, PORTUGAL



BRAGANÇA 2009



MOINHOS DE PORTO FORMOSO AÇORES 2014



MACAU 2011

PERPÉTUA SANTOS SILVA é socióloga, investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES/ISCTE-IUL, na linha de investigação “Desigualdades, Migrações e Territórios”. Desenvolve o seu trabalho sobre a realidade de Macau, tendo as suas teses de mestrado e de doutoramento tratado a temática da língua portuguesa nesta Região. As suas principais áreas de interesse são: metodologias de investigação, sociologia da cultura, sociologia da língua, etnicidade, migrações e identidades. Tem desenvolvido investigação sobre a temática da língua e da cultura portuguesas em Macau. Em investigação sociológica conduzida em Macau, procurámos perceber junto de um número alargado de estudantes de língua portuguesa (na sua esmagadora maioria, estudantes chineses) se estes desenvolviam procuras complementares de componentes culturais, em português, ou se, pelo contrário, se percecionavam procuras divergentes entre língua e cultura.



Iremos apresentar os resultados obtidos em relação a um conjunto de indicadores que representam conteúdos acessíveis a todos os estudantes de um modo regular, fazendo o seu cruzamento com as áreas de formação que os estudantes frequentavam.



SEIA 2013



SEIA 2014



TEMA 2.1. ESTUDANTES DE PORTUGUÊS EM MACAU E PRÁTICAS CULTURAIS EM LÍNGUA PORTUGUESA. PERPÉTUA DOS SANTOS SILVA, CIES/ISCTE-IUL, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM / AICL, PORTUGAL

RESUMO:

Em investigação sociológica conduzida em Macau, procurámos perceber junto de um número alargado de estudantes de língua portuguesa (na sua esmagadora maioria, estudantes chineses) se estes desenvolviam procuras complementares de componentes culturais, em português, ou se, pelo contrário, se percecionavam procuras divergentes entre língua e cultura. Iremos apresentar os resultados obtidos em relação a um conjunto de indicadores que representam conteúdos acessíveis a todos os estudantes de um modo regular, fazendo o seu cruzamento com as áreas de formação que os estudantes frequentavam.

É SÓCIO DA AICL. /

MODERA SESSÕES.

/PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

PARTICIPOU EM BRAGANÇA 2009, 2010, MACAU 2011, GALIZA 2012, MAIA E SEIA 2013. MOINHOS 2014, SEIA 2014.



35. RAUL LEAL GAIÃO, INVESTIGADOR – AICL



SEIA 2014



SEIA 2014

RAUL LEAL GAIÃO, Mestre em Língua e Cultura Portuguesa/Estudos Linguísticos pela Universidade de Macau (UM).

Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e em Ciências Literárias pela Universidade Nova de Lisboa.

Lecionou *Filosofia* e *Psicologia* no Ensino Secundário e *Sintaxe, Semântica e Morfologia, Língua Portuguesa, Técnicas de Expressão do Português* no Ensino Superior. Colaborou na elaboração de dicionários da língua portuguesa: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (Verbo, 2001), *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa* (Editorial Objetiva, 2001; Círculo de Leitores, 2002), *Dicionário Global da Língua Portuguesa* (LIDEL, 2014).

Tem efetuado investigação na área do crioulo de Macau/falar macaense, bem como noutros temas ligados a Macau.

É SÓCIO DA AICL.



LALEM, MAIA 2013



3.3. AÇORIANOS EM MACAU – AÇORIANOS EM MACAU – D. JOSÉ DA COSTA NUNES: CEM ANOS DA REVISTA “ORIENTE”, RAUL LEAL GAIÃO

SINOPSE

A revista “Oriente”, revista mensal criada e dirigida pelo P. José da Costa Nunes, sob o pseudónimo de Mário para a sua escrita na revista, teve uma existência curta, iniciada em janeiro de 1915 e findando em dezembro do mesmo ano. “...Desisti à vista da indiferença com que a maior parte dos macaenses residentes fora desta colónia recebia a revista”, segundo as palavras do seu diretor. Estava direcionada para as questões culturais do Oriente. “A Pintura Chinesa”, “Curiosidades Orientais”, “Hábitos culturais Chineses”, “Contos Chineses”, “O Dialeto de Macau”, “Apontamentos sobre Timor”, ... foram alguns dos temas abordados.

Neste texto, pretendemos lançar um olhar retrospectivo do percurso desta revista, marcante no contexto cultural de Macau.

PARTICIPOU EM MACAU E SANTA MARIA 2011, LAGOA E GALIZA 2012, MAIA, SEIA 2013 E SEIA 2014



MACAU 2011

36. ROLF KEMMLER, UTAD (VILA REAL) – ALEMANHA / AICL



Rolf Kemmler, Biodados Rolf Kemmler

Natural de Reutlingen (Alemanha), é investigador da área da historiografia linguística do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real). Agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 9 de abril de 2014 é Doutoramento em Filologia Românica (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen em 2005 (Alemanha), com a tese intitulada A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811), publicada em 2007. Mestre (M.A.) em Filologia Românica desde 1997 com uma tese intitulada Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa (publicada em 2001 como artigo na revista Lusorama sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

Com vasto número de publicações dedicadas à historiografia linguística desde 1996, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI e da história da gramaticografia portuguesa e latino-



portuguesa dos séculos XVI-XIX, tendo-se mais recentemente dedicado a aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista que se dedica aos Açores.



MACAU 2011

TEMA 3.3. A POPULAÇÃO DE SÃO MIGUEL EM *A WINTER IN THE AZORES: AND A SUMMER AT THE BATHS OF THE FURNAS (1841)* ROLF KEMMLER (VILA REAL)

No ano de 1841, publicou-se em Londres uma obra bastante volumosa em dois volumes, intitulada *A Winter in the Azores: and a Summer at the Baths of the Furnas*. Resulta a obra dos diários do médico inglês Joseph Bullar que passou o inverno 1838/1839 na ilha de São Miguel em companhia com o seu irmão, o advogado Henry Bullar, passando o verão seguinte nas Furnas e nalgumas das ilhas do arquipélago.

Também neste conjunto de livros, que é uma das mais conhecidas obras que pertencem à literatura anglófona de viagens dedicada aos Açores, os autores oferecem um manancial de observações e comentários sobre o arquipélago que se devem a observações e juízos pessoais do autor.

*Investigador do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Em continuação de estudos já realizados sobre obras anteriores, pretendemos apresentar como as terras e gentes dos Açores, especialmente na Ilha de São Miguel, foram retratadas pelos irmãos Bullar em 1841.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PERTENCE AO SECRETARIADO EXECUTIVO DO 22º COLÓQUIO.

MODERA SESSÕES

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS BRAGANÇA 2010, MACAU/SANTA MARIA 2011, LAGOA/GALIZA 2012, MAIA/SEIA 2013, MOINHOS/SEIA 2014

37. SANTA INÈZE ROCHA, INSTITUTO CULTURAL DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL, AICL - ASSISTENTE PRESENCIAL



BRAGANÇA 2009



É SÓCIA DA AICL

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DA LAGOA E DE BRAGANÇA 2009 SANTA MARIA 2011.

**38. SUSANA MARIA DE ARRUDA TELES MARGARIDO, ESCRITORA
AÇORIANA CONVIDADA, S. MIGUEL AÇORES,**



SEIA 2014

AUTORA INFANTOJUVENIL HOMENAGEADA NO 3º PRÉMIO LITERÁRIO
AICL AÇORIANIDADE

SUSANA MARIA DE ARRUDA TELES MARGARIDO

Licenciada em Sociologia pela Universidade dos Açores

Pós-graduada em “Proteção de Menores – Prof. F. M. Pereira Coelho” pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra

Pós-graduada em Língua e Literatura Portuguesas, pela Universidade dos Açores

Mestre em Língua e Literatura Portuguesas, vertente Literatura Infantojuvenil, pela Universidade dos Açores

É técnica superior do quadro de pessoal da Direção Regional da Solidariedade e Segurança social, em Ponta Delgada.

Já publicou diversos contos infantis, diversos artigos em revistas e jornais e já foi coordenadora editorial de uma revista e de vários livros de atas.

É autora (entre outras) das seguintes obras

*2005, O menino perdido, bilingue, ilustrações de Fedra Santos, 1ª Ed
Junta de Freguesia de Rabo de Peixe,*

*2005, Quando for grande quero ser pai, ilustrações Joana Dias, Ponta
Delgada, Ed DRIO - Direção Regional da Igualdade de Oportunidades*

*2006, O discurso de género nos manuais escolares do 1º ciclo, Ed
Instituto Ação Social*

*2007, Os sonhos de Inês, ilustrações de Luís Roque, Ana do Rego
Oliveira e Rui Costa, Edição Nova Gráfica*



2008, *Luna E As Ilhas Fantásticas Dos Açores*, Ilustrações André Laranjinha, Artes E Letras

2008, *O menino perdido*, ilustrações de Fedra Santos, bilingue, 2ª Ed Junta de Freguesia de Rabo de Peixe

2009, *Minha querida avó*, ilustrações de Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto

2009, *De outra cor*, Ilustrações Marília Ascenso e Fedra Santos, Ed SRTSS, Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social, DRIO

2009, *Um natal encantado*, Ilustrações Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto

2009, *Sou diferente, sou fantástico*, Ilustrações Marília Ascenso e Fedra Santos, Ed SRTSS, DRIO

2009, *Diário do meu segredo*, ilustrações de Abigail Ascenso, Ed SRTSS, DRIO

2010, *O anjo do lago*, Ilustrações Fedra Santos, Maia, Ed Livro Direto

2011, *Minha querida avó.*, Ilustrações Sandra Serra, Maia, Ed Livro Direto



[NO 22º COLÓQUIO DA LUSOFONIA SEIA 2014.]



[NO 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014]



NUMA SESSÃO DA UNIVERSIDADE DOS

AÇORES PARA OS PROFESSORES DE PORTUGUÊS NA AMÉRICA



[NO 21º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014]



MOINHOS 2014

APRESENTA DOIS TRABALHOS

3.1.2. A LITERATURA INFANTIL NO DESENVOLVIMENTO

Não parece existirem dúvidas quanto às potencialidades da literatura infantil. Verifica-se que ela se revela condicionadora do sucesso quer escolar quer social do indivíduo, enquanto parte integrante de uma sociedade em permanente desenvolvimento e, por conseguinte, cada vez mais competitiva.

A principal e fundamental finalidade da literatura infantil é a de desenvolver, na criança, o gosto pela leitura, o prazer perante a criação de universos de ficção. Tem também a tarefa de introduzir as palavras no mundo mágico da criança, possibilitando-lhe não só percebê-las e usá-las, como também usufruir delas no contexto da imaginação.

A literatura infantil procura exprimir aspetos da realidade através de um sistema de representações, quase sempre com apelo à fantasia.

A psicologia infantil tem demonstrado que a literatura para os mais pequenos exerce uma influência indispensável para o desenvolvimento saudável das crianças porque, como afirma Fernando Azevedo

[...] a infância e os primeiros anos de vida da criança [...] constituem momentos fulcrais na aquisição de conhecimentos estruturantes, condicionadores, em larga medida, das suas aprendizagens futuras⁶.

Utilizando uma linguagem sintética e emotiva, cujos recursos são essencialmente lúdico-simbólicos, a literatura infantil concede aos seus leitores a

⁶ Azevedo, 2007: [S/P].



possibilidade de se apropriarem da língua; assim se proporciona à criança, desde cedo, a oportunidade de chegar à palavra pelo prazer, condição essencial para que esse acesso e aprendizagem possam ser reais e proveitosos. Os textos para a infância oferecem ainda estratégias para que as crianças, em circunstâncias subsequentes, se tornem aptas para conviverem com utilizações da linguagem pouco frequentes, que, mais tarde, se tornam comuns e indispensáveis. Para além disto, a literatura infantil possibilita que, sem ser obrigada ou ser constrangida, a criança tenha acesso à língua, não como objeto de estudo, mas sobretudo como atividade dinâmica, suscetível de ser manipulada nas suas diferentes funcionalidades.

Os textos literários propiciam aos seus destinatários uma aprendizagem sobre os próprios textos e o sistema de comunicação em que eles acontecem. Ao lerem e interagirem com as obras literárias, os leitores aprendem a conhecer e a dominar os códigos literários. Vários autores designaram esta capacidade de *competência literária*.



Moinhos 2014

3.1.2.2. ALGUNS CONTOS DE SOPHIA

Sinopse sobre «Alguns contos de Sophia»:

Escolhi, para esta intervenção, Sophia de Mello Breyner Andresen, por ser a escritora que sempre me fez transportar para mundos maravilhosos, onde a imaginação não tem limites, as personagens são puras e as mensagens são intemporais.

Analisei as personagens principais dos contos *A Menina do Mar*, *A Fada Oriana*, *A Floresta* e *A Noite de Natal*, sob o ponto de vista da solidão em que vivem.

Nestas narrativas, a vida, a morte, a solidão, a amizade, a rejeição, o ciúme e a procura de respostas para as adversidades da vida são os grandes problemas com que as personagens se debatem.

Embora os contos de Sophia se aproximem das narrativas clássicas, não deixam, porém, de revelar uma preocupação com as problemáticas associadas às sociedades modernas, em particular, a solidão.

A solidão destes contos não se reveste necessariamente de aspetos negativos, ou drásticos. Ela pode e deve, também, ser encarada como uma característica inerente a todos os seres humanos, que poderá contribuir para um amadurecimento eventualmente precoce e para um despertar da criatividade, muitas vezes adormecida, que existe em cada pessoa.

Fazer a análise de uma obra, independentemente do seu autor, nunca é tarefa fácil, as obras de Sophia de Mello Breyner, sejam em prosa ou em poesia, revestem-se de uma dificuldade acrescida.



A própria Autora, citada por António Cunha, afirmou que «Falar de um poeta é como querer apanhar água com as mãos. Prendemos só as nossas próprias palavras, enquanto o poeta nos foge»⁷.



SEIA 2014

TOMA PARTE NAS SESSÕES DE POESIA,

PARTICIPA PELA 3ª VEZ DEPOIS DO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS 2014 E
22º EM SEIA 2014

⁷ Cf. Cunha, 2004: 7.

**39. URBANO BETTENCOURT, ESCRITOR AÇORIANO CONVIDADO,
AÇORES**



PDL 2013



LAGOA 2012

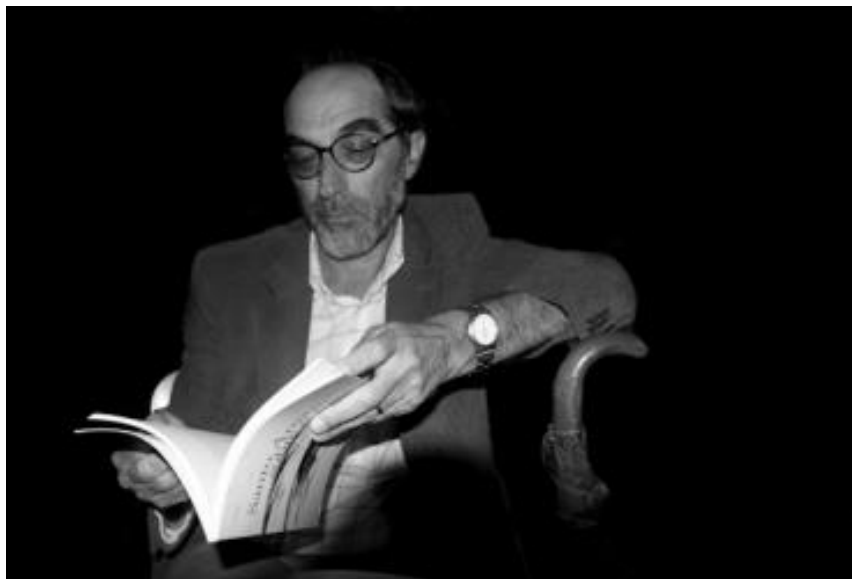




LAGOA 2012

URBANO MANUEL BETTENCOURT MACHADO, NASCEU NA Piedade, ilha do Pico, 1949). Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Doutorado em Estudos Portugueses pela Universidade dos Açores, onde lecionou entre 1990 e 2014.

Começou a sua atividade profissional na Escola Secundária da Amora, tendo posteriormente lecionado na E.S. da Bela Vista (Setúbal), na E B 2,3 Padre João José do Amaral (Lagoa) e na E.S. Antero de Quental, a cujo quadro de professores pertence e onde presentemente exerce a docência.



No domínio da investigação, tem dedicado particular atenção às literaturas

insulares, sobre as quais já proferiu conferências em Cabo Verde, Madeira, Canárias e Açores.

Colaboração em revistas da especialidade, no país e no estrangeiro.

Entre 2006 e 2009 dirigiu, com Carlos Alberto Machado, a coleção «Biblioteca Açoriana», para a qual preparou a antologia de contos de José Martins Garcia, *Português, Contrabandista*.



LAGOA 2012

Poesia e narrativa:

Raiz de Mágoa (1972);

Ilhas (de parceria com Santos Barros, 1976);

Marinheiro com residência fixa (1980);

Naufrágios Inscrições (1987);

Algumas das Cidades (1995);



Lugares sombras e afetos (2005);
Santo Amaro Sobre o Mar (2005; 2.ª ed, 2009);
Antero (2006);
Que paisagem apagará (2010);
África frente e verso (2012);
Outros nomes outras guerras (2013);
O leitor que se perdeu entre os leitores de nuvens (2013).

Ensaio:

O Gosto das Palavras, 3 vols. (1983, 1995, 1999);
Emigração e Literatura (1989);
De Cabo Verde aos Açores – à luz da «Claridade» (1998); *Ilhas conforme as circunstâncias* (2003).



LAGOA 2012

Participou na coordenação das seguintes antologias de poesia açoriana:

Caminhos do Mar. Antologia Poética Açoriano-Catarinense (com Lauro Junkes e Osmar Pisani). Florianópolis, Santa Catarina, 2005.
Pontos Luminosos. Açores e Madeira - Antologia Poética do Século XX (com Maria Aurora Homem e Diana Pimentel). Campo das Letras, 2006.
Azoru Salu. Dzejas antologija (com Leons Briedis). Rīga, Letónia, 2009.

APRESENTA DOIS TRABALHOS:

TEMA 3.1.1. JOSÉ MARTINS GARCIA – A LINGUÍSTICA VAI À GUERRA, URBANO BETTENCOURT

No interior da narrativa de Martins Garcia, a instituição militar e a guerra em África ocupam um espaço considerável e constituem um domínio temático de relevo, objeto de tratamentos narrativos diferenciados, embora submetidos a uma perspetiva comum de crítica dos seus mecanismos.

O tema aparece logo em *Katafaraum é uma nação*, cuja primeira edição é de fevereiro de 1972. Mais alusivo ou mais explícito, o tom irónico e crítico que atravessa a obra manifesta-se já no título, resultante de um processo de amálgama da frase «cada um fareja um», uma espécie de divisa do país salazarista.

No último dos três «ciclos» da segunda parte (o da «Linguagem»), duas narrativas intituladas «Competência» e «Performance» recontextualizam de forma irónica dois termos da teoria linguística de Chomsky e recobrem duas fases da experiência militar em espaços e tempos diferentes: a da formação e aquisição de *competência* e a da aplicação prática dos saberes, a da



performance»; as duas narrativas articulam-se mediante a personagem Ramalho, que «migra» de uma para a outra, soldado-cadete na situação inicial, em Mafra, e já alferes miliciano na segunda, em território da Guiné. No universo militar da instrução, o grau máximo de competência é diretamente proporcional à desumanização e à anulação do indivíduo, que atingem dimensões grotescas no campo prático, onde a *performance* acaba por demonstrar a inutilidade da *competência* supostamente adquirida.

Desdobrando ironicamente os sentidos múltiplos dos dois conceitos linguísticos, o autor procede a uma reconfiguração satírica da instituição militar e da guerra em África, denunciando o seu absurdo e as suas misérias quotidianas, ao mesmo tempo que questiona o discurso linguístico, *transplantando*-o para um contexto em que se desvaloriza e banaliza.

TEMA 3.1. SER ESCRITOR NOS AÇORES. Urbano Bettencourt

O tema e o seu desenvolvimento podiam resumir-se a uma frase: «ser escritor nos Açores é escrever em arquipélago.» Afirmação quase tautológica. E no entanto, determinismo geográfico à parte, escreve-se (escrevo) nos Açores sob o signo de uma condição atlântica de dispersão e distância (Vitorino Nemésio talvez preferisse dizer de longitude e apartamento): dispersão histórica e social, consciência do limite, experiência de lonjura.

Escreve-se na sequência da leitura? Então, há uma narrativa particular a recuperar, a da descoberta do mundo a partir da palavra impressa. O olhar que vê ilhas de cinza e água é o mesmo que lê os textos que falam do mundo e das suas inúmeras ilhas. Tudo, afinal, se resume a ilhas. *No man is an island*, escreveu John Donne. Mas cada homem pode partir de uma ilha

qualquer (física, interior) para inventar a sua experiência e mesmo aquela que outros nunca tiveram.

Nasce-se em setúbal // nasce-se em pequim // eu sou dos açores // (relativamente // naquilo que tenho // de basalto e flores) – assim começa um poema de Natália Correia. Também eu, embora ainda menos relativamente do que a escritora, pois dispense as flores: fico-me pela pedra, que pode comover-se por dentro, mas não por fora. Apesar da influência americana na vida e no imaginário açorianos, escrevo em português. E, para começar, gostava de ser lido em todas as ilhas dos Açores. Será pedir demasiado?



LAGOA 2012



40. XURXO FERNÁNDEZ CARVALHIDO, ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE PORTUGUÊS, UNIVERSIDADE DE SANTIAGO, GALIZA



XURXO FERNÁNDEZ CARBALLIDO (xurxo.fernandez@usc.es), Centro de Línguas Modernas, Universidade de Santiago de Compostela. Licenciado e mestre em Filologia Portuguesa pela Universidade de Santiago de Compostela. Mestre em Português Língua Estrangeira pela Universidade do Minho. Professor de língua portuguesa no Centro de Línguas Modernas - Universidade de Santiago de Compostela.

: 2.1. PRESENTE E FUTURO DO ENSINO DO PORTUGUÊS NA GALIZA.

RESUMO

Pequeno percurso sobre como até o momento tem sido focado, tratado e posto em prática o ensino da língua portuguesa na Galiza. Como foi a sua evolução até o momento atual, e qual poderá ser o seu futuro. Apresentar-se-á a tipologia

de ensino existente no passado e na atualidade e quais os principais dados de centros em número de discentes e docentes, nomeadamente no ensino público. Assim como quais as possíveis realidades que se colocam para um futuro a curto prazo.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

41. ZÉLIA MARTINS PEREIRA, SETÚBAL, PORTUGAL PRESENCIAL CONVIDADA



JÁ TOMOU PARTE COMO ASSISTENTE PRESENCIAL NO 1º COLÓQUIO PORTO 2002, 2º BRAGANÇA 2003, 3º BRAGANÇA 2004, 7º RIBEIRA GRANDE 2007



XXIII COLÓQUIO LUSOFONIA

fundão
365 dias à descoberta

27 A 31 . MARÇO . 2015
FUNDÃO, PORTUGAL | CASINO FUNDANENSE



ORGANIZAÇÃO



APÓIO

